
MINIS/ÉRIO

Uma Revista Para Pastores e Obreiros



**Como alcançar mentes
secularizadas – II**

DE CORAÇÃO A CORAÇÃO

Complexo de gafanhoto

Samua, Safate, Jigeal, Palti, Gadiel, Gadi, Amiel, Setur, Nabi e Güel. Experimente pedir à sua congregação para dizer quem são esses homens, e certamente ficará surpreso. Quase ninguém conseguirá identificá-los.

Eles eram príncipes das tribos israelitas que, juntamente com outros dois, foram enviados como espias à terra prometida, a fim de avaliar o país, “sua situação e vantagens naturais, e o povo que nele habitava, notando se eram fortes ou fracos, poucos ou muitos; bem como deveriam observar a natureza do solo e sua produtividade, e trazer do fruto da terra”, segundo Ellen White. Cumprida a tarefa do *survey*, eles retornaram trazendo provas da excelência da terra. E o povo ficou entusiasmado.

Mas o relatório que apresentaram foi simplesmente desastroso: “Fomos à terra a que nos enviaste; e verdadeiramente mana leite e mel; este é o fruto dela. O povo, porém, que habita nessa terra é poderoso, e as cidades mui grandes e fortificadas; também vimos ali os filhos de Enaque. Os amalequitas habitam na terra do Neguebe; os heteus, os jebuseus e os amorreus habitam na montanha; os cananeus habitam ao pé do mar e pela ribeira do Jordão. ... Não poderemos subir contra aquele povo, porque é mais forte do que nós. ... A terra, pelo meio da qual passamos a espiar, é terra que devora os seus moradores; e todo o povo que vimos nela são homens de grande estatura. Também vimos ali gigantes, e éramos aos nossos próprios olhos como gafanhotos, e assim também o éramos aos seus olhos.” (Núm. 13:27 a 33).

Uma tragédia! Líderes, comissionados por Deus, auto-reduzidos a gafanhotos diante das dificuldades. A bem da verdade, havia problemas e obstáculos. Mas a dimensão exagerada que lhes foi atribuída era incompreensível. Afinal, aquela não era a primeira vez em que os israelitas se viam frente a frente com desafios. E sempre que isso aconteceu, o Senhor lá estava, manifestando Seu poder salvador, operando milagres, defendendo Sua causa, garantindo a vitória. Não falharia agora.

Em meio àquele drástico relatório, erguem-se duas vezes em tons mais confiantes e otimistas, os outros dois espias, propositadamente omitidos na lista anterior – Calebe e Josué: “Então Calebe fez calar o povo perante Moisés, e disse: Eia! subamos, e possuamos a terra, porque certamente prevaleceremos contra ela. ... E Josué, filho de Num, e Calebe, filho de Jefoné, dentre os que espriaram a terra, rasgaram as suas vestes, e falaram a toda a congregação dos filhos de Israel, dizendo: A terra pelo meio da qual passamos a espiar é terra muitíssimo boa. Se o Senhor Se agradar de nós, então nos fará entrar nessa terra, e no-la dará: terra que mana leite e mel.” (Núm. 13:30; 14:6 a 8).

Experimente pedir à sua congregação para dizer quem foram Josué e Calebe, e certamente ficará surpreso de que alguém não saiba. O que faz a diferença? A visão positiva, confiante e otimista dessa dupla, em contraposição ao complexo de gafanhoto, derrotista, dos outros dez espias. Ninguém se lembra de líderes tíbios, covardes e derrotados. Permanecem na lembrança do povo os líderes destacados pela coragem, fé, ousadia e confiança. É assim que empreendem grandes coisas para Deus, e nEle conquistam vitórias memoráveis.

A lição é oportuna. Existem obstáculos no caminho que nos leva à vitória final, como povo de Deus. Entre outros, materialismo e secularização, no presente; cruel intolerância, num futuro que parece breve. A atitude com que encaramos as dificuldades, hoje, revela como enfrentaremos o amanhã. O complexo de gafanhoto deve ser substituído pela visão gigante de Calebe e Josué. – *Zinaldo A. Santos*.

MINISTÉRIO

Uma Revista Para Pastores e Obreros

Ano 68 – Número 04 – Jul./Ago. 1997 – Periódico Bimestral
Uma Publicação da Igreja Adventista do Sétimo Dia

DE CORAÇÃO A CORAÇÃO

- 2** COMPLEXO DE GAFANHOTO
Zinaldo A. Santos

ENTREVISTA

- 4** APEGO À BÍBLIA
José Sílvio Ferreira

ARTIGOS

- 8** CRISTIANISMO E BIOÉTICA
Gerald R. Winslow

- 12** COMPUTADOR: O NOVO ALIADO DO PASTOR
Márcio Dias Guarda

- 16** COMO ALCANÇAR MENTES SECULARIZADAS – II
Amin A. Rodor

- 25** A BEM DA VERDADE
Alberto R. Timm

PASTOR

- 28** UMA VISITA AO HOSPITAL
Ana Maria Calcidoni Kafler

AFAM

- 30** O OUTRO LADO DA SOLIDÃO
Anami Azevedo Oliveira

- 32** BIBLIOTECA DO PASTOR

Diretor Geral: Wilson Sarli; **Redator-Chefe:** Rubens S. Lessa; **Editor:** Zinaldo A. Santos; **Revisoras:** Ildete Silva e Mercedes Campos; **Editor de Arte:** Wilson Almeida; **Diagramação:** Sandra Patrícia Ferreira; **Colaboradores Especiais:** Alejandro Bullón; José M. Viana; **Colaboradores:** Antônio Moreira; Mário Valente; Jefé Carvalho; Izéas Cardoso; **Capa:** William.

Visite o nosso site em: <http://www.cpb.com.br> E-mail: Serviço de Atendimento Direto: saa@cpb.com.br
Redação: redacao@cpb.com.br

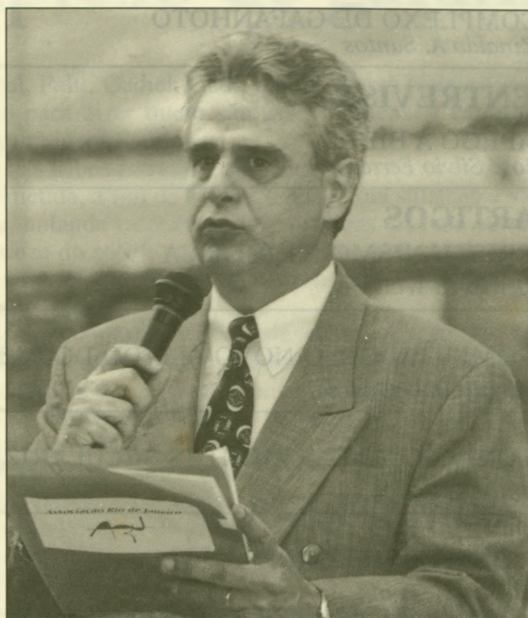
Todo artigo ou correspondência para a Revista **MINISTÉRIO** deve ser enviado para o seguinte endereço: Caixa Postal 12-2600 – 70279-970 – Brasília, DF.

CASA PUBLICADORA BRASILEIRA – EDITORA DOS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA
Rodovia SP 127 – km 106 – 18270-000 – Tatuí, SP.

4275

Apego à Bíblia

Com a missão de testemunhar num mundo altamente secularizado, onde proliferam as mais diversas teorias acerca de Deus, e a fé não parece tão importante, a maior necessidade da Igreja é manter-se firme nos ensinamentos das Sagradas Escrituras. Nisso, “o pastor é peça fundamental”, diz o Pastor José Sílvio Ferreira, secretário ministerial da Associação Rio de



Pastor José Sílvio Ferreira

Janeiro, nesta entrevista, em que também fala de outros assuntos merecedores de profunda reflexão, por parte de ministros, anciãos, obreiros e demais leitores de *Ministério*.

O Pastor Sílvio nasceu em Lavras, MG; concluiu o curso teológico em 1973, no IAE, fez mestrado em Teologia e, atualmente, é aluno do programa de doutorado do Salt. Além desses cursos, também participou do Curso de Arqueologia Bíblica no *Jerusalem Center of Studies*, em Israel, em 1989. Trabalhou como pastor distrital em Goiânia, GO, Coronel Fabriciano, Tocantins, Divinópolis e Belo Horizonte (igreja central), MG, Curitiba (igreja central), Maringá, PR, e Rio de Janeiro (igreja de Botafogo). Foi secretário ministerial e evangelista na Missão Mineira Central, e diretor J.A. na Associação Espírito-Santense.

De seu casamento com Ellen Ferreira, filha de pastor, e obreira na área educacional da ARJ, nasceram três filhos: Marlon Henrique, Malton Guilherme e Marden Eduardo.

MINISTÉRIO: Que fatos do seu pastorado distrital considera especialmente marcantes?

PASTOR SÍLVIO: Considero o pastorado como um romance, pontilhado de momentos significativos e de muita emoção. Entre esses momentos, posso citar a chegada a uma nova cidade, o primeiro contato com a igreja, em alguns casos com mais de 1.200 mem-

brós, o trabalho pessoal com pessoas de elevado nível sociocultural e econômico, desejosas de conhecer as verdades bíblicas; acompanhar as mudanças (algumas drásticas) no estilo de vida dessas pessoas, operadas pelo poder de Deus, e, finalmente, batizar esses novos conversos. A evangelização de um novo lugar, com o apoio de jovens e irmãos da igreja, estabelecendo aí uma nova congregação, também é um fato marcante.

MINISTÉRIO: A que atribui seu êxito no pastorado de igrejas grandes? Há um método especial para mobilizar esse tipo de congregação?

PASTOR SÍLVIO: O segredo é trabalhar com humildade, autenticidade e constante dependência da orientação divina. Procurar conhecer pessoalmente cada membro da igreja e sua família. Interessar-se por seu trabalho, estudos e projetos de vida. Identificar os diversos dons e habilidades existentes na con-

gregação e envolver as pessoas nas atividades onde possam desenvolver ao máximo esses dons. O pastor de uma igreja grande deve ser um especialista em sua obra, tal como o são os profissionais dessas igrejas em suas áreas respectivas. Deve ser um exemplo na religiosidade, conduta familiar e social. Para isso, somente a graça de Deus pode tornar-nos qualificados. Quanto aos métodos de mobilização missionária, estes devem ser encontrados junto à idiosincrasia e realidade de cada congregação. Geralmente, essas igrejas possuem muitos jovens, universitários, profissionais liberais; enfim, é um contexto diferente do que comumente se vê e que deve ser aproveitado de acordo com suas características.

MINISTÉRIO: *Quais, a seu ver, são as maiores necessidades de um pastor?*

PASTOR SÍLVIO: Além da necessidade de viver em íntima comunhão com Jesus, o pastor necessita de um companheirismo autêntico com os colegas de ministério, para que tenha supridas todas as suas expectativas sociais. Mas também necessita de maior estabilidade familiar, que o proteja dos assédios da imoralidade. O pastor necessita de uma formação profissional mais ampla e profunda, especialmente nas áreas de relações humanas, pregação e administração eclesial. Não posso deixar de mencionar a dedicação total e comprometimento com o evangelho de Cristo, vivendo-o e pregando-o.

MINISTÉRIO: *Que projetos específicos existem no seu Campo para ajudar a suprir tais necessidades?*

PASTOR SÍLVIO: A liderança da Associação Rio de Janeiro tem feito o máximo para suprir essas e outras necessidades. Nas áreas intelectual e profissional, são realizados cursos de Educação Contínua, além de incentivo ao estudo e leitura individuais. Em outubro do ano passado, por exemplo, tornou-se realidade o sonho de uma viagem cultural com o grupo de pastores através das terras bíblicas e parte da Europa. Nas áreas social e familiar, temos realizado encontros de casais, visitação aos lares dos pastores, freqüentes reuniões da Área Feminina da Associação Ministerial, Afam, e encontros de filhos de pastores. Mensalmente acontecem os concílios regionais, onde os pastores distritais, capelães, departamentais e administradores se reúnem para troca de idéias, experiências, diálogo e orientações.

MINISTÉRIO: *Há pastores que se dizem pouco à vontade para abrir o coração a um secretário ministerial. Como resgatar essa confiança?*

PASTOR SÍLVIO: Um secretário ministerial precisa transpirar lealdade no trato com os colegas de trabalho. Precisa ser autêntico e honesto nas palavras e na conduta, revelando profundo e sincero interesse para com os problemas e anseios que lhe são expostos. Deve saber alegrar-se com as realizações e sucesso dos pastores. Deve ser um amigo no profundo significado da palavra; um verdadeiro confidente, que se demonstre digno de confiança.

MINISTÉRIO: *É fato estabelecido que um administrador não deveria acumular a função de secretário ministerial. Administrador e pastor podem se encontrar numa mesma pessoa, ou as duas coisas não se combinam?*

PASTOR SÍLVIO: É bastante complexo para uma pessoa desenvolver concomitantemente as funções administrativas e de secretário ministerial. O ideal é que dois indivíduos exerçam separadamente tais funções. Isso também é benéfico para o grupo de pastores distritais e demais obreiros que podem recorrer a um ou outro, dependendo das necessidades e dos casos específicos.

MINISTÉRIO: *Como pastores e líderes podem manter um relacionamento sem arestas?*

PASTOR SÍLVIO: Os líderes devem exercer uma administração aberta, transparente e participativa, concedendo o devido crédito a cada liderado, pelas suas realizações, valorizando a pessoa do pastor e reconhecendo seus esforços ministeriais. Os pastores, por sua vez, devem atuar com dedicação e lealdade. As duas partes devem manter muito diálogo e exercitar ampla compreensão.

MINISTÉRIO: *Sucesso pastoral está inevitavelmente ligado ao alvo de batismo?*

PASTOR SÍLVIO: Nem sempre o sucesso pastoral está relacionado com "alcançar o alvo". Os batismos são apenas uma faceta do grande prisma que é a obra pastoral. Pastores podem estar trabalhando em igrejas e distritos localizados em regiões resistentes à pregação do evangelho. No entanto, eles têm dispendido tempo e energia na administração, no aconselhamento, na pregação, etc. E essa é, hoje, via de regra, uma característica das grandes igrejas situadas em cidades

grandes. O trabalho desses pastores deve ser avaliado sob outros ângulos, além do alvo de batismos.

MINISTÉRIO: *Que perigos e vantagens o senhor vê no estabelecimento de um alvo numérico para batismos?*

PASTOR SÍLVIO: O alvo numérico, quando determinado pela própria congregação e seu pastor, como um desafio ao envolvimento e crescimento missionários, é altamente benéfico, necessário mesmo. Por outro lado, a estratégia ainda usada em alguns lugares, de se oferecer prêmios e recompensas aos pastores que alcançam determinado número de batismos, é pernicioso. Principalmente para aqueles que não conseguiram chegar ao número ideal. O resultado, muitas vezes, é amargura e sentimentos de inferioridade em relação aos premiados.

MINISTÉRIO: *Quais, em sua opinião, são as prioridades que um ministro deveria ter em sua vida pessoal e profissional?*

PASTOR SÍLVIO: Na vida pessoal, o pastor deve cultivar as virtudes de caráter que o tornem semelhante a Cristo. Constante crescimento na comunhão com Deus, sobriedade na conduta, estabilidade familiar. Na vida profissional, o alvo deve ser sempre a busca de maior qualificação intelectual. Reciclagem intelectual. Disciplina no estudo e no trabalho; procurar ser altamente competente no que faz.

MINISTÉRIO: *Com sua experiência de pastor distrital, evangelista e secretário ministerial, que sugestões daria a um pastor para o estabelecimento de um programa de trabalho que corresponda às necessidades de sua congregação?*

PASTOR SÍLVIO: Em primeiro lugar, manter em alto nível a qualidade da pregação bíblica. Ter como prioridade a execução de um plano racional de visitação aos membros e simpatizantes da igreja. Manter um constante programa de treinamento para líderes e colaboradores. Dar atenção ao aspecto social da comunidade religiosa, principalmente nas congregações das metrópoles, onde muitas pessoas vivem isoladas, embora cercadas de muita gente.

MINISTÉRIO: *Quais as suas expectativas, e da administração de seu Campo, em relação a seus pastores?*

PASTOR SÍLVIO: Esperamos de cada pastor da Associação Rio de Janeiro, total

comprometimento com Cristo, Sua Igreja e a obra de salvação. Uma constante busca da excelência; lealdade. Que todos sejam “obreiros aprovados que não têm do que se envergonhar”.

MINISTÉRIO: *Que métodos de trabalho têm se mostrado mais eficazes na evangelização de uma sociedade como a do Rio de Janeiro?*

PASTOR SÍLVIO: A Igreja do Rio de Janeiro e seus pastores têm usado uma extensa variedade de métodos evangelísticos. Possivelmente, tenham se mostrado mais eficazes os seguintes: amplo uso dos recursos médicos, técnicos e até financeiros que o Hospital Adventista Silvestre tem proporcionado; uso da comunidade religiosa como unidade terapêutica, visando pessoas que precisam de afirmação social, emocional, econômica, etc.; e, ultimamente, o trabalho dos “pequenos grupos”. Esse método, especialmente, tem se demonstrado muito promissor, tanto para a conquista de pessoas, como para o engajamento de membros no trabalho de evangelização. Aliás, foi o método de pregação utilizado durante a Semana Santa. As igrejas fecharam suas portas, e os “pequenos grupos” funcionaram como pontos de pregação.

MINISTÉRIO: *Quais são as principais metas para os próximos anos?*

PASTOR SÍLVIO: Evangelismo constante e mais agressivo, dentro dos desafios da Missão Global. Intensificação do evangelismo por meio das emissoras de rádio e televisão. Ampliação e melhoramento da rede de escolas e do Ipa. Um apoio mais efetivo, acompanhamento e orientação aos pastores. Construção de igrejas em novos lugares. Criação de novos distritos pastorais, hoje em número de 51. Divisão do Campo, que, embora não pareça geograficamente extenso, possui grande número de congregações (cerca de 400), com quase 40 mil membros. A nova sede administrativa está em fase final de construção.

MINISTÉRIO: *Até que ponto a tão propagada violência da região impõe limites ao processo evangelístico?*

PASTOR SÍLVIO: Algumas vezes ela realmente impõe sérios limites. Mas o Rio não é uma cidade com maior índice de violência do que qualquer outra de seu porte, como divulgam os meios de comunicação. Nossos irmãos e pastores têm acesso a mui-

tos lugares considerados perigosos, e ali realizam trabalhos sociais e evangelísticos. Projetos de ação comunitária, como distribuição de alimentos, assistência médica e odontológica, cursos de alfabetização, puericultura, culinária, entre outros, demonstram-se muito eficazes nessas regiões.

MINISTÉRIO: *No passado, a figura do evangelista parecia intocável. Hoje, alguns Campos simplesmente não têm evangelista. Que acha disso?*

PASTOR SÍLVIO: Na Associação Rio de Janeiro, o evangelista é figura de destaque. Exerce um trabalho especializado e exclusivo. Tem todo apoio da liderança, inclusive financeiro. Realiza, normalmente, duas grandes séries por ano e oferece apoio e orientação aos distritais. Dispõe de um bom equipamento e uma bela equipe de obreiros e colaboradores. Responde aos desafios propostos pela Missão Global. Pensamos que assim deve continuar. O evangelismo público tradicional tem ainda o seu lugar. É até mesmo indispensável para alcançar certas localidades, sem dispensar a utilização de grandes concentrações curtas de colheita. Nos últimos anos, realizamos quatro dessas programações, com resultados compensadores. Os dois métodos são eficazes.

MINISTÉRIO: *Como o pastor distrital pode atender com eficiência ao evangelismo, à congregação, família, escola, construção, etc.?*

PASTOR SÍLVIO: Aprendendo a administrar sabiamente o seu tempo. Quanto mais cedo em sua carreira o pastor aprender a usar corretamente seus dias, semanas e meses, mais bem-sucedido e realizado ele será. Com criatividade, boa vontade e disciplina, o pastor conseguirá distribuir seu tempo, a fim de atender a todas as demandas. Outro aspecto importante é que o pastor precisa delegar. Ele pode e deve confiar nos líderes das congregações, dando-lhes oportunidade e espaço para atuarem dentro das áreas para as quais foram nomeados. Assim fazendo, o pastor ficará livre para as prioridades intransferíveis de sua função de ministro.

MINISTÉRIO: *Como deve ser o pastor para o momento atual do mundo e do ano 2000?*

PASTOR SÍLVIO: O pastor deve conhecer cada vez mais de tudo. E conhecer tudo sobre o exercício de sua vocação. Deve desenvolver constante, plena e total entrega de

todo o seu ser à ação de Deus, pois estamos diante de dias portentosos.

MINISTÉRIO: *Numa sociedade informatizada, tecnológica, apressada e materialista, em que nível de importância coloca a figura do pastor e a visitação pastoral?*

PASTOR SÍLVIO: Quanto mais a sociedade se desenvolve, mais cresce o abismo que separa o homem de seu semelhante e de Deus. Nesse contexto é que entra a figura do pastor vocacionado: profundamente humano, sensível, amoroso; que busca o perdido e o restaura em nome de Deus. A visitação pastoral, cada vez mais complexa e difícil de ser efetivada, nestes dias de constante azáfama, deveria ser reconduzida a seu verdadeiro nível de importância. Ela é imprescindível para a estabilidade de famílias e congregações. Há que se buscar tempo e maneiras para que seja realizada essa obra vital.

MINISTÉRIO: *Qual a maior necessidade da Igreja, segundo seu modo de pensar, e como o pastor pode satisfazê-la?*

PASTOR SÍLVIO: Na minha ótica, a maior necessidade da Igreja, hoje, é o genuíno conhecimento e a certeza da salvação em Cristo. A uma significativa percentagem de nossos membros falta uma sólida fundamentação bíblica de suas crenças. Não somos mais "o povo da Bíblia". Temos negligenciado seu estudo e pesquisa. Nossas igrejas carecem de líderes que retornem à cristalina fonte: as Escrituras, e "sola scriptura", para ensino, pregação e vivência. O pastor é peça fundamental para que isso ocorra.

MINISTÉRIO: *Seu último recado para os leitores.*

PASTOR SÍLVIO: Vivemos num mundo eivado de males e carências, principalmente nos aspectos moral e espiritual da existência humana. O desafio final que presentemente a Igreja já enfrenta é permanecer incólume, fazendo luzir a revelação divina, em meio à falência da sociedade pós-moderna. Apelos à contextualização desmedida, ao rebaixamento das normas e princípios se fazem ouvir dentro e fora de nossas fronteiras. Nossa premente necessidade é buscarmos uma fundamentação bíblica sólida e segura para nossos conceitos religiosos, transmitindo-os a nossos filhos, por palavras e exemplo. Somente assim, indivíduos, famílias e congregações permanecerão de pé, vitoriosos.

Cristianismo e bioética

GERALD R. WINSLOW

Ph.D., professor de Ética Cristã na Universidade de Loma Linda, Califórnia, EUA

Há mais de 20 anos, tentei produzir um curso chamado "Bioética Cristã" na faculdade adventista em que ensinava. Um de meus colegas duvidou da conveniência da idéia. O assunto, ele concordou, era interessante, mas haveria, porventura, uma abordagem cristã a novas questões em biologia e cuidado de saúde quando tais questões estavam tão claramente fora do território moral da Bíblia? Afinal, as Escrituras não têm nenhum texto aplicável à maior parte das questões no campo da bioética. A despeito das dúvidas de meu colega, ensinei o curso em caráter experimental.

Os tempos mudaram. A Universidade de Loma Linda, onde agora ensino, abriga o Centro para Bioética Cristã, há quase 12 anos, e os estudantes podem agora obter um mestrado em bioética.

O que mudou? Primeiro, as questões urgentes de bioética – questões centrais para o que significa o ser humano – recusam-se desaparecer. Com efeito, elas se têm multiplicado. Segundo, um número crescente de cristãos tem aceito a responsabilidade de entrar no debate bioético.

Conseqüentemente, as perguntas de meu antigo colega são mais pertinentes do que nunca. Podemos nós desenvolver uma abordagem distintamente cristã em questões de bioética? Pode essa abordagem ser honestamente fundamentada na Bíblia? Tais questões exigem séria atenção por adventistas do sétimo dia, com seu compromisso com a fé bíblica e o cuidado da saúde.

Dilemas

Vários assuntos ligados à bioética ilustram a espécie de perguntas que os cristãos precisam enfrentar:

Aborto. Tenho lido inúmeras monografias de estudantes sobre esse tema. Às vezes, penso que todas as facetas têm sido focalizadas, mas a questão não dá sinais de que vá desaparecer. Efetivamente, o conflito sobre aborto parece se tornar cada vez pior. E novos desenvolvimentos biomédicos prometem intensificar as questões morais.

Por exemplo, RU486, a droga abortiva aperfeiçoada na França, com o correr do tempo, provavelmente se tornará acessível em todo o mundo. Seu uso tornará o aborto mais barato, mais seguro e privado, aumentando assim a necessidade de indivíduos moralmente responsáveis pensarem mais clara e profundamente sobre a questão.

Os cristãos, especialmente os que estão envolvidos com problemas de saúde, não podem evitar encarar as questões morais da vida humana pré-natal. Aqueles que, como eu, acreditam que Deus deseja que protejamos a vida pré-natal e que o aborto, mesmo quando necessário, é uma questão moral séria, necessitam se perguntar o que significa tornar prática a nossa fé. Que podem fazer os cristãos para reduzir a tragédia do aborto?

Eutanásia. No passado, a maior parte dos países tinha leis proibindo a eutanásia. Na Alemanha nazista, por exemplo, ela estava associada à corrupção. Mais recentemente, entretanto, novas técnicas médicas para prolongar a vida humana têm feito com que muitas pessoas indaguem sobre a qualidade da vida prolongada. Estamos realmente salvando vidas ou simplesmente prolongando o processo de morrer?

A questão se levanta com frequência crescente naqueles países bastante ricos para se dar o luxo de tecnologias excessivas. Começando na Holanda e vinda para os Estados Unidos e outros países, estamos vendo a dis-

posição do público para “ajudar” aqueles que estão morrendo a encurtar deliberadamente a vida. É o caso de se perguntar: negar cuidado médico, que parece apenas aumentar o sofrimento do moribundo, é moralmente a mesma coisa que colocar fim ativamente à vida do paciente? Importa se as medidas são tomadas por profissionais (isto é, eutanásia) ou pelos próprios pacientes (ou seja, suicídio com assistência)? Terá o cristianismo, que tradicionalmente se opôs ao suicídio, respostas para os dilemas atuais introduzidos pela capacidade da tecnologia para controlar o fim da vida?

Reprodução. Entre as questões mais recentes de bioética, nenhuma é mais intrigante do que as que se relacionam com a reprodução humana assistida. Além da inseminação artificial, mães substitutas e fertilização *in vitro*, agora é possível clonar embriões humanos por divisão celular. Pode-se até colher e armazenar oócitos (isto é, óvulos em desenvolvimento) retirados de ovários de fetos abortados.

Novas possibilidades para a vida humana parecem ser limitadas apenas pela imaginação dos novos tecnocratas. Tudo isso suscita questões profundas sobre paternidade, família e o cuidado dos “próprios” filhos. Além disso, a comercialização desses novos processos tem aumentado a complexidade moral. Em face desses dilemas, qual é o ponto de vista cristão sobre procriação e família? Que princípios cristãos deviam guiar nas decisões sobre oferecer ou aceitar novas técnicas para a reprodução humana?

Genética humana. Novos avanços em genética parecem prover maiores possibilidades para definir o que é ser humano. O mapeamento do genoma humano progride mais rapidamente do que se previa há poucos anos. Logo poderemos identificar milhares de características que se desenvolverão numa pessoa, estudando no estado pré-natal o código genético do indivíduo. Esse novo conhecimento encerra promessas fantásticas para o cuidado da saúde.

A habilidade de predizer doenças genéticas e preveni-las é excitante para qualquer pessoa que se preocupa em diminuir o sofrimento humano. É fácil imaginar como essa informação pode levar a abusos tais como aborto seletivo por razões triviais e discriminação contra os portadores de certos defeitos genéticos. De que modo os cristãos decidirão como fazer o melhor uso das oportunidades providas pela nova informação em genética, ao mesmo tempo rejeitando os abusos potenciais?

Além de compreender o genoma humano,

o homem adquiriu o poder de mudá-lo. Durante os últimos 20 anos, biólogos têm descoberto como manipular os genes de muitas diferentes formas de vida, incluindo vidas humanas. Material genético pode ser transferido de uma vida para outra, mesmo através de barreiras entre espécies. Ademais, o potencial para ajudar aqueles que têm doenças graves é espantoso. A pessoa cuja enfermidade resulta de um gene ausente ou defeituoso pode tê-lo substituído por outro material genético apropriado. Embora esses tratamentos ainda estejam na fase experimental, prometem muito. Mas há também a ameaça de abuso, quando pessoas são tentadas a usar a possibilidade não só para aliviar o sofrimento humano, mas também para produzir uma “quantidade superior” de seres. Um exemplo comum é a demanda crescente de um fator de crescimento produzido pela engenharia genética para fazer com que as crianças fiquem mais altas.

Quais são os limites morais da engenharia genética? Será que a crença na criação divina nos ajuda a responder tais questões?

A ciência e seus limites

Esses avanços podiam levar a ciência médica a novas alturas de confiança. Mas outros fatos recentes nos fazem lembrar que o sucesso científico tem limites. Durante a maior parte deste século, acreditávamos que gradualmente estávamos eliminando as doenças mais terríveis. Mas a epidemia da Aids renovou nosso sentimento de vulnerabilidade. Mesmo doenças como a tuberculose, que pensávamos estar sob controle, nos países industrializados, começam a reaparecer com frequência assustadora. E novas variedades de bactérias resistentes a antibióticos ameaçam a vida e a segurança do homem. Que significa o sacrifício cristão em tempo de epidemia, especialmente quando algumas doenças, tais como Aids, também estão associadas com estigma social? Será que a fé bíblica oferece qualquer diretriz sobre se deveríamos assumir os riscos necessários para cuidar dos necessitados?

Outra lembrança dos limites da ciência é o fato de que nenhuma sociedade é bastante rica para prover todos os cidadãos com a mais recente e mais dispendiosa tecnologia médica. À medida que novos tratamentos dispendiosos, como o transplante de órgãos, passam da categoria de cuidado experimental para a de normal, mesmo sociedades ricas têm de encarar a realidade dos limites econô-

micos. Ouvem-se mais e mais debates sobre o racionamento do cuidado médico, incluindo o de tratamentos capazes de salvar vidas.

Um fato básico garante que esse problema vai se tornar cada vez mais agudo. A capacidade humana de inventar coisas ultrapassa sua capacidade de pagar por elas. A idéia de omitir tecnologias médicas, marginalmente úteis porque são muito custosas, parece ofensiva a muitos. Mas, afinal, temos de aceitar essa realidade. Aqui, deparamo-nos com outra intrigante questão: quem poderia se beneficiar dos recursos médicos que potencialmente salvam vidas? As camadas sociais economicamente mais privilegiadas? Aquelas pessoas consideradas mais úteis à sociedade?

Se essas técnicas médicas dispendiosas não podem ser colocadas ao alcance de todos os que delas necessitam, deveríamos mesmo limitar o favorecimento somente a alguns poucos? Que diz a ética cristã sobre questões de justiça social ou distributiva?

Ajuda na Bíblia

No centro da fé cristã, está a convicção de que Deus provê direção para as decisões que precisamos tomar. Através de Sua Palavra (II Tim. 3:16), mediante Seu Espírito (João 16) e pela participação da comunidade da fé (Atos 15; I Cor. 12), temos os recursos para refletir cuidadosamente e decidir sobre a vontade de Deus para nós. Esses recursos cooperam no desenvolvimento de virtudes cristãs em nossa vida. Como regra, traços cristãos de caráter, tais como amor ao próximo (Rom. 13:8 a 10), imparcialidade (Atos 10:34) e disposição para obedecer os mandamentos de Deus (João 14:15), levam a ações que refletem responsabilidade cristã. Noutros casos, os cristãos enfrentam dilemas morais reais, especialmente quando dois ou mais valores cristãos estão em aparente conflito.

Tais dilemas, conforme notados anteriormente, não são raros hoje na bioética. A maturidade cristã requer uma abordagem bíblica honesta a tais questões morais difíceis. Naturalmente, não há nenhuma fórmula cristã simples para resolver todas as complexidades morais. Assim mesmo, podemos esboçar algumas considerações básicas que os cristãos deviam incluir no processo de tomar decisões.

Abertura à direção do Espírito. A ética cristã começa com abertura à direção de Deus (Mat. 21:22). Questões específicas de bioética podem ser novas, mas não deviam nos intimi-

dar, porque Deus tem prometido nos conduzir por Seu Espírito às verdades de que precisamos para sermos fiéis à Sua vontade (João 14:15 a 17). Nossa petição pela direção do Espírito provém do reconhecimento de que a sabedoria de Deus é infinitamente superior à nossa (Prov. 3:5 e 6; I Cor. 3:18 a 20).

Aceitando a direção do Espírito, somos levados à Bíblia na qual Deus revelou Sua sabedoria moral (Salmo 119:105). Em resposta ao amor de Deus, somos motivados a obedecer a Seus mandamentos (João 14:15). Os Dez Mandamentos (Êxodo 20:1 a 17) e muitas outras expressões da vontade de Deus nos dirigirão especificamente para um leque de atividades humanas (Salmo 19:7 e 8), incluindo problemas de bioética. Mesmo quando nenhum texto fale diretamente a uma questão específica de bioética, a Bíblia ainda apresenta princípios abarcantes para guiar nossas ações (Miq. 6:8; Mat. 23:23).

Na Bíblia, por exemplo, não encontramos passagens dizendo-nos especificamente o que fazer sobre a transferência de embriões humanos ou sobre o uso de terapia genética. Mas, se nos submetemos ao Espírito e procurarmos nas Escrituras algumas diretrizes básicas, não seremos desapontados. Não apenas nos mandamentos das Escrituras, mas também em sua história, poesia e profecias existem abundantes recursos que estimulam nossa imaginação moral e nos habilitam a ver a vida humana segundo a perspectiva dos valores divinos. Tais recursos são mais produtivos quando procuramos compreender o que o texto significava para o povo que primeiro o recebeu e a direção em que Deus os estava guiando. Os adventistas do sétimo dia também podem encontrar orientação nos escritos de Ellen White.

Princípios essenciais. A Bíblia nos diz que os valores e os princípios essenciais para nossa vida moral são unificados no amor. Jesus faz do amor a Deus e do amor às pessoas o fundamento da ética (Mat. 22:34 a 40). Paulo afirma o mesmo: "... pois quem ama ao próximo tem cumprido a lei ... de sorte que o cumprimento da lei é o amor." (Rom. 13:8 a 10).

No amor temos, então, uma base prática para resolver conflitos de valores. Isso significa que devemos aplicar todas as normas bíblicas de modo consistente com o amor. Afirmar isso não é pedir o impossível. Temos o amor feito real na pessoa de Jesus (João 3:16). O ministério de Jesus exemplificava o amor de Deus e desperta em nós o desejo de segui-Lo (Fil. 2:5; I Ped. 2:21). O ministério médico de Jesus e Seu respeito por aqueles que eram vulneráveis

e rejeitados, são o padrão pelo qual devemos tratar as questões de bioética. Cristo é a revelação suprema dos valores morais de Deus (Heb. 1:1 a 4), nEle temos a fonte competente para lidar com questões morais mais complexas.

Deus quer que os cristãos ajudem uns aos outros em seguir a Jesus, participando na vida da comunidade da fé (Mat. 18:20). Ele outorga dons aos membros do corpo de Cristo de modo a poderem ajudar uns aos outros com crescimento na fé (Efés. 4:11 a 16). Quando a Igreja primitiva defrontava-se com questões

difíceis, os líderes reuniam-se em conselho e, dirigidos pelo Espírito, chegavam a decisões práticas (Atos 15:1 a 35). Assim fazendo, deixaram-nos um exemplo de confiança mútua que devíamos imitar ao encarmos questões potencialmente explosivas de nossos dias, incluindo assuntos que envolvem bioética.

Quando estamos firmes na fé bíblica, ganhamos confiança que Deus continuará a nos guiar e habilitar a entrar em qualquer área de investigação humana, servindo melhor a Deus e à humanidade.

Base cristã para decisões bioéticas

1. Análise. Comece com uma compreensão clara da questão.

* **Que fatos estão em dúvida?** Alcançar julgamentos morais maduros requer um apanhado claro dos fatos, incluindo dados científicos atuais e a natureza das intervenções propostas.

* **Que conceitos precisam ser esclarecidos?** Esclarecimento de conceitos envolve precisão de linguagem e significado dos termos centrais. Confusão conceptual leva a falhas na comunicação. Por exemplo, seria adultério a inseminação artificial que usa o esperma de um doador? É a retirada de suporte de vida artificial de um moribundo o mesmo que eutanásia? Para o cristão, o esclarecimento de conceitos requer que a linguagem do discurso moral esteja em harmonia com os princípios das Escrituras.

* **Que valores estão em conflito?** Identifique explicitamente os valores em questão. Por exemplo, ao cuidar de um paciente agonizante, há conflito entre a possibilidade de prolongar a vida do indivíduo e aliviar a dor? Uma sensibilidade guiada pelo Espírito garante-nos a lembrança dos elementos-chave que devem afetar nossa compreensão da questão.

* **Que relacionamentos humanos serão afetados?** A ética cristã devia pesar como as decisões afetam as relações pessoais. Por exemplo, como a inseminação afetaria relacionamentos dentro da família? Os princípios bíblicos visam promover relações humanas saudáveis.

* **Qual é o domínio apropriado da autoridade moral?** Quem é o agente apropriado para fazer uma decisão bioética? A decisão de aceitar ou rejeitar uma intervenção médica qualquer pertence ao paciente, se ele é adulto lúcido. Em caso contrário, quem decide? A família? A equipe médica? A sociedade? A Bíblia reconhece vários tipos de autoridade, provendo regras especiais para pais, dirigentes da Igreja e funcionários do governo.

2. Alternativas. Dê atenção criativa a uma variedade de opções.

* **Que cursos de ação existem?** Deus nos deu criatividade para imaginar, avaliar e seguir cursos possíveis de ação. Diante de um paciente terminal, porventura, não há melhores maneiras de preservar a dignidade da pessoa e aliviar sua dor em vez de recorrer à eutanásia?

* **Quais são os efeitos prováveis das várias opções?** Se bem que não seja possível em todos os casos uma predição correta, seria irresponsável não considerar os efeitos prováveis de uma decisão. Quais são as complicações prováveis de uma mulher gerar um filho para outra mulher?

3. Princípios. Decisões cristãs maduras são guiadas pelos princípios divinos.

* **Que princípios relevantes podem ser derivados de um estudo da Palavra de Deus?** Ao examinarmos as Escrituras, o Espírito Santo nos habilitará a discernir princípios para nos guiar em nossas decisões. Tal estudo tenta recobrar o sentido original das Escrituras para compreender a direção moral que Deus nos dá. Essa direção alcança sua expressão mais clara no ministério de Jesus.

* **Pode a experiência da Igreja ajudar?** Ser parte do povo de Deus nos ajuda a partilhar intuições morais numa atmosfera de confiança e respeito mútuos. Isso inclui um estudo da reflexão de cristãos tanto de agora como da história da Igreja.

4. Decisão. A oração e o cuidadoso estudo da Bíblia deviam inspirar confiança para decisões, e humildade para mudá-las quando necessário.

* **Que decisões se harmonizam melhor com os princípios bíblicos?** Ao encarar decisões morais complexas, os cristãos nem sempre estão livres de engano. Mas Deus concede recursos suficientes para decisões corajosas e ações apropriadas.

* **Que obstáculos precisam ser vencidos a fim de levar a efeito a decisão?** Devíamos efetuar nossas decisões com estratégia apropriada, incluindo medidas bem fundamentadas para superar obstáculos.

5. Avaliação. Aprenda de decisões anteriores e faça os ajustes necessários.

* **Qual é nossa avaliação honesta da decisão?** Deus continua a trabalhar conosco e por nós, mesmo quando erramos. Humildade cristã leva a uma nova compreensão e admissão de erros passados. A graça de Deus é libertadora, pois nosso destino final baseia-se em Cristo e não depende da perfeição de nossas decisões.

Computador: o novo aliado do pastor

MÁRCIO DIAS GUARDA

Editor da Casa Publicadora Brasileira

Steve Jobs, um dos fundadores da Apple (agora, de volta à empresa), contou a seguinte história:

“Há alguns anos, li um estudo sobre a eficiência de várias espécies terrestres, inclusive o homem, sob o ponto de vista de seu desempenho na locomoção. O estudo apontava a espécie mais eficiente, considerando-se a capacidade de deslocamento do ponto A para o ponto B com o mínimo dispêndio de energia. O vencedor foi o condor. Quanto ao homem, apresentou desempenho bastante medíocre. Ele ficava na frente de pouco menos da metade dos animais.

“Mas alguém teve a idéia de testar um homem andando de bicicleta. Resultado: seu desempenho era duas vezes melhor do que o do condor. O estudo demonstrou a capacidade do homem como construtor de máquinas. Quando criou a bicicleta, ele inventou um instrumento que ampliava uma de suas capacidades naturais. É por isso que gosto de comparar o computador pessoal à bicicleta. Para mim, ele é a bicicleta do século XXI, porque constitui o instrumento capaz de ampliar uma parte de nossa inteligência.”

Graças a essa característica, o computador pessoal se impôs como a mais importante invenção deste final de século. E tem sido

aperfeiçoado e barateado de tal forma que já está presente em quase qualquer oficina mecânica ou pequeno comércio. Não se concebe hoje um consultório médico ou dentário com fichário sendo feito à mão. A maioria dos advogados abandonou a máquina de escrever, o mesmo ocorrendo com os jornalistas. Nos lares, o computador já desbancou o videogame e é disputado pelas crianças para fazerem seus deveres escolares. Não está longe o dia em que ganhará mais horas de atenção do que a TV.

Da mesma forma que outras novidades, muitas pessoas reagiram contra essa “máquina diabólica” que ameaçava “tomar o lugar dos trabalhadores” ou “substituir a inteligência humana”. Assentada a poeira, ficou claro que não passa de uma máquina, portanto, não pode ser responsabilizada por males ou vícios; e mais: é extremamente versátil e muito útil em quase todos os campos da atividade humana.

Como cristãos, deveríamos tirar o maior proveito possível dessa e de outras invenções para promover a pregação do evangelho. Aliás, nesse ponto o passado contém bons exemplos de descobertas que foram muito bem utilizadas pela Igreja, como a invenção de Gutemberg, que propiciou a publicação fácil e barata das Escrituras Sagradas e dos escritos dos reformadores. Outro exemplo de boa e imediata utilização de uma novidade para a pregação do evangelho foram os diagramas proféticos e desenhos para ilustrar sermões. Quando os adventistas, na verdade ainda os mileritas, começaram a usar esse recurso, em 1838, não havia mais que 20 profissionais em todos os Estados Unidos que se dedicavam a entalhar a madeira para produzir ilustrações para textos. E pouco mais de 30 anos depois, em 1870, já se contavam mais de 400! E Uriah Smith, o principal redator adventista pioneiro, foi um dos mestres nessa arte.

Como cristãos,
deveríamos tirar o
maior proveito possível
das modernas invenções
para promover a
pregação do
evangelho.

Acho que o mesmo se poderia afirmar a respeito do uso dos *slides*, no evangelismo, embora tenhamos utilizado muito pouco o filme movimentado, que foi o próximo avanço. Mas, voltando ao computador... Af está uma máquina cuja importância, para a comunicação e para as relações humanas, não pode ser ignorada.

Constatações iniciais

1. *O computador veio para ficar.* A informática se identificou tão bem com a nossa "era da informação" que não é mais possível imaginar um comunicador sem o auxílio de um computador. E o pastor é um comunicador por excelência.

2. *O computador não isola nem enlouquece as pessoas.* Ao contrário do que parecia nos primeiros anos, quando se criou um mito em torno dos "iniciados" que utilizavam uma gíria própria e pareciam obcecados pela máquina, hoje está claro que as pessoas passaram a escrever mais e a se comunicar melhor.

3. *Não é preciso ser um técnico nem programador para usar uma dessas máquinas.* Nos últimos dez anos, os computadores se tornaram extremamente

amigáveis e atualmente é muito fácil utilizá-los. Não é preciso fazer curso nem aprender uma nova linguagem, antes de começar a tirar proveito de um computador.

4. *O computador não faz milagres.* Ele apenas aumenta a eficiência de quem já é eficiente ou realiza com rapidez e precisão tarefas longas e tediosas. Embora seja extremamente versátil (pode ser usado para escrever músicas, desenhar, fazer contabilidade, mandar e receber correspondência, etc.) nenhuma máquina nem nenhum programa pode ser considerado perfeito.

5. *Definir o uso e ter informações iniciais.* Antes de comprar um computador, é necessário estabelecer claramente sua utilização e objetivos, sob pena de incorrer em frustrações. Também não adianta só comprar a máquina. Ela tem que ser alimentada com programas que requerem investimento de tempo e dinheiro.

Ferramenta preciosa

“**U**tilizados de forma adequada, os computadores abrem infinitas novas possibilidades para o ministério e o evangelismo. Sobra mais tempo para o pastorado, o qual pode ser realizado com maior eficiência.”

Entre os usos mais simples e proveitosos do computador no pastorado, destaco os seguintes:

1. *Fica mais fácil preparar os sermões.* Com a utilização de um programa como o Word 6.0, a tarefa de escrever um texto fica bastante facilitada. As margens, os endentamentos de parágrafos, tudo sai no lugar desejado. Fazer um esboço esquemático, com níveis e subníveis, tabelas ou ordenação alfabética; tudo isso é muito simples e intuitivo. Deslocar um parágrafo para outra parte do texto ou inserir um subtítulo,

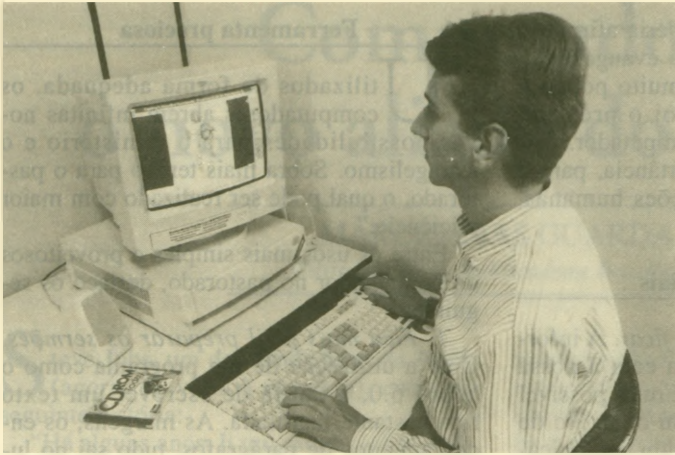
nada compromete o trabalho ou cria a necessidade de “passar a limpo” como seria necessário se fizesse à mão ou se escrevesse à máquina. O programa faz a revisão ortográfica e alguns outros fazem até revisão gramatical e de pontuação. O trabalho de púlpito fica muito facilitado com

um sermão bem impresso (em letras grandes, para quem tem problemas de visão, etc.). Como se produz mais em menos tempo, pode-se dedicar mais à pesquisa ou ao burilamento do sermão.

2. *Enviar cartas e mala direta.* Com o mesmo Word, convocar nominalmente vários membros de uma comissão, ou fazer mais uma carta pedindo dispensa de provas e exames no sábado, é coisa de minutos. As diferentes cartas saem bonitas, formatadas, e sem erros, na sua impressora. E, em seguida, as etiquetas com os endereços, etc.

3. *Controle da visitação pastoral, informações da secretaria e tesouraria das igrejas.* Para realizar isso, várias Uniões ou Associações estão adotando programas específicos, que emitem relatórios, preenchem fichas de batismo, arquivam atas, organizam planos de pregação, classes da Escola Sabatina, etc. Para fazer tudo isso, e mais ainda,

O computador não
faz milagres.
Apenas aumenta a
eficiência de quem já é
eficiente.



William

Trinitariana também já lançou um CD com sua Bíblia; e há um CD com uma tradução católica. Pessoalmente não gostei de nenhum desses trabalhos. A Sociedade Bíblica do Brasil está prometendo para o final deste ano o seu CD com as versões Almeida Antiga, Revista e Atualizada no Brasil e Linguagem de Hoje. Esse CD está sendo feito no Canadá, e enquanto não fica pronto restam as alternativas em in-

eu gosto muito do *Church for Windows*, um programa de excelente qualidade, desenvolvido por adventistas, e de acordo com nossas necessidades. Um pastor com um programa desses e um computador portátil (notebook) pode ter todas as informações de seu distrito em qualquer situação.

4. *Arquivar informações, ilustrações, subsídios para sermões.* Com o Access, que é um programa de banco de dados muito poderoso e relativamente simples, nada se perde e tudo pode ser encontrado imediatamente. E quando isso vai ser aproveitado num sermão ou outro trabalho, não há necessidade de digitar novamente o texto, basta exportar para o processador. Conheço pastores que até já estão utilizando um scanner (junto com um programa para reconhecimento de texto, como o Recognita ou Omni) para transferirem textos de revistas ou livros para o computador, sem ter de digitar coisa alguma.

5. *Fazer transparências para o retroprojetor ou slides.* Através do Powerpoint, que também faz parte do pacote MS-Office, juntamente com o Word e outros da Microsoft, é possível criar capas de boletins, transparências e slides, rapidamente e muito bonitos. Outro programa muito útil para fazer capas e também cartazes, cartões e calendários é o Print Artist. Há bons pacotes com figuras e desenhos para ilustração, que podem ser comprados a preços razoáveis. Para desenhos com motivos religiosos, eu gosto da série *Christian Images*, da Parsons Technology. Quem possuir scanner, pode copiar figuras de revistas ou livros.

6. *Pesquisas bíblicas.* Lamentavelmente ainda há pouca coisa em português, nessa área. Há duas ou três empresas comercializando CDs com a tradução bíblica da Imprensa Bíblica Brasileira; a Sociedade Bíblica

glês, que são muitas e excelentes. Um dos melhores, sem dúvida, é o CD Logos Bible 2.0, que possui 4 níveis. Para quem quer boas ferramentas de pesquisa bíblica em inglês e alguma coisa em grego e em hebraico, sem exagerar nesses últimos, é suficiente o Nível 3. (Se quiser informação adicional sobre ferramentas para estudo da Bíblia, em inglês, escreva ou mande um e-mail para mim.)

7. *Obras adventistas.* Em termos de softwares adventistas, existe o CD com o *SDA Bible Commentary*, que é muito bom, tem uma excelente interface de pesquisa, aliás, baseada no sistema Logos. Há também o CD com as obras de Ellen G. White, em inglês, lançado em 1989 pelo White Estate. É um produto bastante simples, refletindo a tecnologia disponível na época, mas completo e fácil de utilizar. A Casa Publicadora Brasileira está trabalhando para lançar um CD com todas as obras de Ellen G. White em português e em inglês. O software escolhido para o gerenciamento das informações é o Folio Views, que existe em português, e é reconhecido como um dos melhores do mundo. Antes de aprontar o CD completo, deve ser lançada a Série Conflito, em disquetes. Voltando para o que existe em inglês, vale destacar ainda o CD *Words of Pioneers*, que contém mais de 150 livros (entre grandes e pequenos) de pioneiros adventistas como Miller, Tiago White, Waggoner, Jones e outros.

Internet, um mundo à parte

A Internet é uma mina de informações variadas que apresenta também muitas páginas com ferramentas de pesquisa bíblica, esboços e ilustrações para sermões,

além de notícias e eventos que podem ajudar ao pastor adventista em seu trabalho. Alguns Campos e Instituições, compreendendo essa importância, estão assinando “pacotes” com provedores de Internet para todos os seus obreiros. Além da consulta a todo esse material, cria-se um novo vínculo de comunicação entre os obreiros, departamentais e administração, através do e-mail, que é a forma mais simples e barata de comunicação entre quaisquer distâncias.

Se o seu Campo não está oferecendo esse serviço, vale a pena assinar contrato com um bom provedor de Internet de sua cidade para ter acesso a informações como as seguintes:

1. *Escritos de Ellen G. White em inglês.* Quem não possui o CD com as obras de Ellen G. White pode fazer pesquisas, via Internet, no seguinte site: <http://www.egwestate.andrews.edu>, que possui todos os livros e artigos publicados. Quem quiser apenas fazer uma leitura corrente pode escolher entre 9 livros de E. G. White que estão nesse mesmo endereço.

2. *Concordância Bíblica.* Uma excelente concordância bíblica, com as 6 versões mais importantes em inglês, encontra-se disponível em: <http://www.gospelcom.net/bible>. Essa página da *Gospel Communications Network* é valiosíssima, pois dá acesso (link) a páginas de 67 diferentes organizações religiosas que oferecem serviços e informações.

3. *Dicionários Bíblicos.* Outra página extremamente importante para um pregador bíblico é a que está no endereço: <http://www.goshen.net>. Ali estão o *Vine's Expository Dictionary of N.T. Words*, o *Nave's Topical Bible* e várias outras ferramentas importantes para a pesquisa bíblica. Goshen significa *Global Online Service Helping Evangelize Nations* – esse nome define bem os serviços que presta.

4. *Esboços e Ilustrações para Sermões.* Há várias páginas que oferecem isso, mas duas muito boas são: <http://www.bbfj.org/sermons> e <http://www.fp.sedona.net/budman>. Gosto dessas duas páginas também pela variedade de links que oferecem para outras organizações evangélicas. Uma página organizada por adventistas que contém excelente material e muitos links é: <http://www.adventists.org/Bible.html>.

5. *Notícias da Igreja Adventista.* Na página oficial da Associação Geral, cada semana são colocadas algumas notícias adventistas de interesse mundial e também há outras informações importantes. O endereço é: <http://www.adventist.org>.

6. *Lição da Escola Sabatina em português.* Esse é um serviço oferecido pelos jovens adventistas da igreja de Washington, Estados Unidos. O endereço é: <http://www.cuc.edu/cgi-bin/escola>. Eles também oferecem estudos bíblicos e, mais recentemente, estão organizando um sistema de aconselhamento pastoral, também em português.

7. *Lista de Discussão da Lição da Escola Sabatina.* As listas de discussão são bastante comuns na Internet, mas esta se destaca por ser exatamente da Lição da Escola Sabatina em português. Para participar, é preciso inicialmente mandar um e-mail, sem subject, com a seguinte mensagem: *subscribe es*, para o seguinte endereço: majordomo@sisac.org.br.

8. *Estudos Bíblicos e Textos sobre Comunicação.* Uma ótima página adventista, em português, é a da Federação Leste Sul-Rio-Grandense, cujo endereço é: <http://www.adventistas.org.br>.

9. *Material sobre Spurgeon.* Para quem tem especial admiração, como eu, por Spurgeon, o príncipe dos pregadores evangélicos, a página que está em: <http://www.spurgeon.org> é um prato cheio. Aliás, as demais organizadas por *The Hall of Church History* também são ótimas.

Informação versus conhecimento

“**A** informática não tem mais nada a ver com computadores. Tem a ver com a vida das pessoas.” Essas frases de Nicholas Negroponte, no livro *A Vida Digital*, nos lembram que, acima das máquinas, estamos diante de novas e formidáveis oportunidades de alcançar as pessoas com uma eficiência jamais imaginada antes. Temos de encarar isso como mais uma demonstração da bondade de Deus em nos municiar adequadamente para uma tarefa tão importante.

É evidente, entretanto, que toda a tecnologia do mundo e esse mar de informações à nossa disposição não farão a obra reservada a nós. Aqui lembro outra frase, esta de John Naisbitt, autor do livro *Megatrends*: “Estamos nos afogando em informação, mas morrendo de fome de conhecimento.” Só o verdadeiro conhecimento, resultado de uma vida em intimidade com Deus e a prática da verdade, com sua influência ampliada por essas modernas ferramentas de comunicação nos levarão à conclusão da Obra. (*Meu e-mail é: marciodg@tti.future.com.br*)

Como alcançar mentes secularizadas – II

AMIN A. RODOR

Ph.D., pastor na Associação de Ontário, Canadá

Para situar a secularização em perspectiva, devemos observar que a complexidade do fenômeno desafia definições simples. Não se trata de uma filosofia particular, mas um certo estilo de vida, uma visão da existência. Há uma certa fluidez a respeito da secularização, que dificulta consideravelmente sua descrição. Ela não apresenta um credo ou substância; não promulga nenhum manifesto; não tem um sistema organizado de pensamento ou doutrinas; muito menos é uma organização, como uma igreja, associação ou clube. Ninguém “pertence” à secularização em termos de filiação consciente. Ela penetra sutilmente todas as áreas da vida e conduz o pensamento e o comportamento a uma determinada percepção da realidade e valores que sejam remotos à religião.

O celebrado *Oxford English Dictionary*, em conexão com a palavra secular registra a expressão “clero secular”, em referência aos sacerdotes paroquiais, diferenciados dos membros das ordens monásticas. O fato de que a palavra secular seja usada para qualificar um termo religioso como “clero” sugere a sua considerável ambigüidade. Etimologicamente, secular é derivado do termo latino *saeculum*, que significa temporal ou transitório.

Secularização é entendida como um processo pelo qual a tradicional sociedade religiosa colocou-se progressivamente sob a influência da reacionalidade e da modernidade. Assim, a religião foi relegada do reino público para a vida privada, tornando-se marginalizada e despida de poder e influência. Geralmente é feita uma distinção, não apenas de caráter semântico, entre os termos secularização e secularismo, sendo a primeira entendida como uma visão da vida sem nenhuma referência a Deus e à religião. Uma gradual erosão da fé no sobrenatural, ou redução da vida ao mundo dos sentidos. Uma pessoa ou sociedade, contudo, podem ser consideradas seculares, sem ser necessa-

riamente hostis a Deus e à religião. Deus simplesmente não desempenha qualquer valor relevante na sua vida diária.

Secularismo, por outro lado, é tido como uma categoria diferente. Pode ser considerado mais como uma ideologia, conscientemente adotada, que rejeita sistematicamente todas as formas de fé religiosa e culto. Sob o secularismo as pessoas se tornam “missionárias” dessa visão da vida; portanto, a ideologia do secularismo é a antítese do cristianismo. Há nele uma dimensão de militância claramente aceita.¹ Por exemplo, os poderosos *tycoons* da mídia, por uma questão de método, buscam suprimir quase que sistematicamente, ou obscurecer, a dimensão religiosa da vida, em seus programas.

Impacto da secularização

A secularização é um fenômeno, multidimensional em suas manifestações, através do qual o pensamento religioso, instituições e práticas, progressivamente perdem sua relevância na sociedade e na vida dos indivíduos. Essa tendência secular foi acelerada a partir do século passado, particularmente com os dramáticos resultados dos avanços nas áreas da educação, ciência, tecnologia e comunicação.

O processo da secularização tem sido considerado a maior força cultural em operação desde a helenização, a qual trouxe unidade às diversas culturas do mundo greco-romano.² As características mais evidentes do seu impacto no mundo contemporâneo podem ser consideradas nos seguintes termos:

Declínio da religião. Isso é acompanhado por um sentimento indiferente para com a religião. As atitudes se estendem da ignorância ao antagonismo sistemático. O indivíduo secularizado desconsidera todas as formas de fé ou culto religioso organizado. Vê-se como

alguém que superou a religião, considerando-se um filho da era pós-cristianismo.

Dessacralização da vida. Sua marca é a extraordinária confiança nas realizações da ciência e tecnologia. E, sem dúvida, a lista dessas realizações é impressionante. São conquistas tangíveis da humanidade. O homem secularizado é fascinado por tais resultados e coloca neles sua confiança, de preferência a confiar no mundo invisível do qual a fé cristã dá testemunho.

Perda de fé. O secularizado não nega necessariamente a existência de Deus; simplesmente não sente qualquer necessidade consciente dele. De fato, julga-se auto-suficiente. Olha para as habilidades humanas e seus recursos como capazes de satisfazer suas necessidades e oferecer respostas, de preferência a esperar em qualquer recurso ou explicação exterior, como se acreditava no passado.

Mudança radical no estilo de vida. De um modo centralizado na comunidade, para um sistema social privado e pluralístico, marcado por especialização e diferenciação, com sua ordem técnica impessoal, planejamento racional e institucionalismo.

Desenvolvimento do pensamento. Uma nova mentalidade marcada pelo relativismo, pragmatismo, positivismo, empirismo e existencialismo.

Conformidade massiva. Aceitação e adaptação aos valores sociais e culturais contemporâneos. Assim, enquanto os moldes básicos do pensamento secular estão preeminentes nas universidades, ele não se confina ao ambiente acadêmico. A secularização envolve tanto o professor, os alunos na classe, como o responsável pela faxina do prédio. Todos eles governados por uma filosofia de auto-suficiência humana.

O extenso estudo da *World Christian Encyclopedia* informa que mais da metade da população do mundo, hoje com cerca de sete bilhões de pessoas, está dividida entre a secularização (36.1%) e o ateísmo (17.7%); fenômenos que, se não idênticos, são de alguma forma complementares entre si. O que nos traz à mente as palavras de Cristo: "Quando porém vier o Filho do Homem, achará fé na Terra?" (Luc. 18:8). A secularização afetou o pensamento humano e a vida em proporções amplas. E, na medida em que nosso planeta se torna uma aldeia global, esse processo toma proporções que desconhece limites, moldando diversas culturas

em uma civilização universal com uma progressiva uniformidade básica.

Deve-se observar que o processo da secularização não reduziu apenas externamente a influência do cristianismo em importantes áreas humanas em geral. Seu impacto é verificado também nos valores e práticas seculares dentro de organizações cristãs, afetando internamente a própria cidadela do cristianismo. Valores e práticas frontalmente opostos ao cristianismo bíblico foram aceitos e incorporados por vários setores da Igreja institucional: orientação para o sucesso, em oposição à Igreja como serva; sentimento de preocupação e autopreservação, em oposição ao espírito de sacrifício; atitude passiva de espectador, em lugar de envolvimento; elitismo em lugar da noção de comunidade; estilo administrativo corporativo, empresarial, ao invés da contribuição de todo o corpo; busca de afluência em oposição ao conceito bíblico de mordomia responsável; mentalidade de "gheto" em oposição à unidade em Cristo; noção de que "os fins justificam os meios", contrariando a versão bíblica de que os meios devem ser coerentes com os fins.

Além disso, secularização constitui um fenômeno aparentemente inevitável, irreversível e ambivalente para o cristianismo. Ele amputa drasticamente a influência da religião na vida das pessoas e mina a fé em Deus, promovendo uma atitude exclusivamente preocupada com a vida terrestre. A idéia de Deus ou da Igreja é irrelevante para a vida real. Deve-se compreender ainda que, como um fenômeno universal, a secularização está gerando progressivamente um certo uniformismo social, em que massas humanas passam a refletir uma mesma atitude, interesses e visão comuns da vida.

Embora a secularização possa assumir diferentes formas e faces regionais, étnicas e culturais, o cristianismo, em cada situação, foi desalojado para a periferia da consciência e perdeu sua influência. As multidões modernas vivem indiferentes à fé cristã. As nações do mundo ocidental apresentam hoje um quadro de variadas opções religiosas e filosóficas dentro de uma mentalidade de *self service* ou de cardápio *à la carte*, onde cada um é estimulado a usar suas preferências como ponto de referência exclusivo. Assim, o cristianismo tem hoje que competir em seus próprios méritos e credenciais para impor-se como uma alternativa a ser considerada.

Finalmente, ainda que inicialmente a se-

cularização tenha representado um desafio primariamente à comunidade cristã, hoje, o cristianismo não experimenta sozinho o seu poderoso impacto. Os cristãos não são os únicos a enfrentarem dificuldades em comunicar sua mensagem e percepção da vida na cultura secularizada. Em outras palavras, a secularização não pode mais ser igualada com “descristianização”. Virtualmente, cada religião, filosofia e ideologia, encontra na secularização um poderoso rival, um obstáculo à comunicação. Entretanto, a cultura secular desafia particularmente o cristianismo, cujas verdades são inegociáveis.

Definindo o secular

Se a comunicação começa com uma compreensão do público, que deveríamos saber acerca dele? O que significa ser uma pessoa secularizada? Como pensa? Os traços básicos, inicialmente delineados por Langdon Gilkey³ e popularizados por A. Campolo,⁴ sugerem quatro características distintas do pensamento secular.

1. Contingência (quando o sobrenatural se torna explicável). Segundo a noção da contingência, tudo, quer dentro do ciclo histórico ou da experiência pessoal, acontece em termos naturais de causa e efeito, isto é, nenhum evento necessita ser explicado como intervenção sobrenatural ou divina. Contingência poderia ser entendida como uma forma de naturalismo. As pessoas secularizadas vivem dentro dos limites da realidade percebida pelos cinco sentidos, uma vez que essa limitada percepção da realidade não dá nenhum propósito ou significado inerente à vida. Portanto, se Deus não está disponível para dirigi-los, cabe aos homens assumir o seu próprio destino, o que leva à segunda característica.

2. Autonomia (quando o homem se torna deus). O homem torna-se sua própria lei. Pessoas autônomas, por não sentirem qualquer necessidade de Deus, retêm para elas prerrogativas que a revelação atribui a Deus. O significado da vida, normas de conduta, ou qualquer ética para solução de problemas, não vem de qualquer lugar fora da esfera humana. Como não se espera que Deus determine o significado ou propósito da vida, o homem secular é forçado a assumir tal função. Daí, de acordo com o significado pessoal atribuído à vida, a ênfase pode ser variada: preocupação ecológica, trabalho,

realização acadêmica e profissional, viagens, materialismo, música, satisfação pessoal, droga, sexo, etc.

3. Relativismo (quando a moralidade se torna flutuante). Como afirma Dmitri, “se Deus não existe, então tudo é permissível”. Se nada existe no plano sobrenatural para decidir o destino humano, então a noção de verdade, o significado da existência e seus valores passam a depender da situação. Instala-se a ética situacional, com a noção fundamental de que o certo e o errado flutuam com as circunstâncias. Noutras palavras, não existem absolutos. O relativismo nega qualquer noção de princípios objetivos ou que estes devam reger a sociedade. Todos os valores são relativos e qualquer sistema moral é viável apenas para a pessoa ou grupo que o cria.

4. Temporalidade (quando o nada se torna o fim de tudo). Tem a ver com a idéia de que tudo é limitado por tempo e espaço. A vida é puramente um fenômeno natural e quando o processo biológico se esgota, a morte é o fim de tudo. Não há nada de significado permanente. Não há recompensa ou punição, depois que a consciência terrena se fecha. No final, não existe absolutamente nada pelo que esperar. Segundo essa visão, mesmo o universo físico está se movendo para a extinção. A religião é apenas uma forma de escape dessa terrível realidade, inventada para trazer algum conforto em face da finitude humana. Além disso, se esta vida é tudo o que existe, tirar o maior proveito dela é a única conclusão lógica. A noção da temporalidade torna-se uma extraordinária fonte de insegurança e incerteza para o homem moderno, abrindo, ao mesmo tempo, uma espaçosa porta para o testemunho da mensagem cristã.

Ao se traçar o perfil de pessoas secularizadas, deve-se observar que provavelmente a característica mais óbvia é que elas não formam um grupo homogêneo. Há diferenças não apenas étnicas, culturais, etárias, sociais e econômicas, mas também de atitudes, necessidades sentidas e da própria consciência do cristianismo.

George Hunter sugere que 1/3 das pessoas secularizadas não têm nenhuma “memória cristã”; elas simplesmente não fazem a mínima idéia daquilo que os cristãos querem dizer. Um outro terço tem uma memória distante, podendo até professar um cristianismo cultural. Finalmente, o outro terço é formado de “cristãos nominais”, cuja religião não pode ser identificada com o cristianismo bí-

blico. Esses grupos englobam multidões cuja vida e comportamento não são influenciados pela fé cristã. Suas pressuposições, seu vocabulário, estilo de vida e decisões não refletem a agenda cristã.

Um outro aspecto importante é compreender o tipo de pessoas mais inclinadas às formas do pensamento secular. Pesquisas revelam que as mulheres formam a maioria em muitas igrejas, o que sugere que os homens tendem a ser mais afetados pela secularização, devendo se tornar uma prioridade dos esforços cristãos. Jovens são mais inclinados à secularização do que os idosos. Pessoas com maior facilidade de acesso à educação e com elevado nível econômico revelam a mesma tendência, em relação às menos cultas e mais pobres. O dinheiro, a juventude e a educação provêm maior grau de mobilidade, afirmam o nível de autonomia e abrem oportunidades para viagens, eventos culturais e lazer, expondo as pessoas ao contato com maior número de idéias.

Mas essa comparação deve ser adotada com certa flexibilidade, pois com o crescente processo de revolução feminina, as mulheres também estão se tornando secularizadas. Além disso, a secularização não se limita às pessoas ricas ou melhor educadas. Pessoas religiosas podem ser encontradas na esfera secular e vice-versa. O propósito da comparação é identificar o tipo mais exposto às influências secularizadoras. E, ao se entender como isso afeta a vida, fica mais fácil tratar com a cultura secular.

Diferentes pessoas reagem de formas variadas ao impacto da secularização. Uma dessas formas é a rutura histórica que destrói a relevância do passado e a esperança do futuro, levando ao escape do presente. Um estilo hedonista de vida é adotado. Diversões, gratificações imediatistas se transformam na religião do eu, que toma o lugar de Deus na vida.

Há também o secular materialista, tipificado por aqueles para quem o *summum bonum* da vida é o trabalho, ao qual se dedicam completamente. O alvo da vida é entendido em termos de conforto e segurança materiais. A resposta típica, nesse caso, é a imersão no mundo como ele é visto. E se este mundo é tudo o que existe, seus problemas e atividades são suficientes para absorver a atenção. Culto, oração, meditação e outras práticas religiosas são completamente descartadas como escapes ou perda de tempo.

Em terceiro lugar, há o tipo religioso apostatado. Embora tenha recebido influências cristãs nos primeiros estágios da vida, por "razões de memórias negativas", ou por desinteresse gradual, rejeita a religião institucionalizada. Sua preocupação maior não é tanto o materialismo, mas questões sociais e filosóficas. Ele pensa nas grandes questões da vida, mas não tem nada a que se agarrar.

Um quarto tipo é o operário, que trabalha duro de manhã à noite. Sua principal realização e alegria vem dos esportes e da televisão. Não se preocupa com questões filosóficas e não quer ser incomodado com assuntos religiosos. Embora não sofra de obsessão materialista, e possa ser considerado moralmente bom, sua preocupação primária é consigo mesmo e com a rotina do seu pequeno mundo.

Um grupo adicional é formado pelo tipo pragmático, para quem a questão básica é "O que eu vou ganhar com isto?" Como verdadeiro filho do mundo tecnológico com sua visão voltada para o pensamento funcional, ele deseja ver resultados positivos em tudo aquilo onde investe seus recursos e esforços. O pragmático não é necessariamente contrário à religião, podendo mesmo adotá-la, desde que sirva a seus propósitos.

Finalmente, há o secular filósofo. Introspectivo, ele rejeita intelectualmente o cristianismo como uma opção. Como um herdeiro intelectual de Darwin e Freud, esse tipo possui uma visão naturalista do mundo. Para ele, o mundo veio à existência por acaso, e os seres humanos são produto de sua hereditariedade e ambiente, sobre os quais têm pequeno controle.

Existem mais algumas características da cultura secularizada, que todo comunicador cristão deve saber. Ei-las:

1. Desinformação. Indivíduos secularizados são, em grande medida, ignorantes do cristianismo básico. No contexto da cristandade, as pessoas conheciam muitos ensinamentos de Jesus, histórias da Bíblia e ensinamentos da Igreja. Hoje, muitas pessoas educadas são completamente desinformadas do cristianismo em seus aspectos mais rudimentares. Provavelmente nem saberiam estabelecer a diferença entre o Velho e Novo Testamentos.

2. Informação negativa. Além da desinformação sobre o cristianismo, as pessoas secularizadas são mal-informadas a seu respeito. Uma vez expostas às formas diluídas ou distorcidas da mensagem cristã, elas são inoculadas contra o cristianismo bíblico.

3. Imagem negativa da Igreja. Se as pessoas têm dúvida sobre a verdade cristã, também farão uma imagem negativa do veículo dessa verdade. A mentalidade secular não duvida apenas da importância e credibilidade da Igreja e seus defensores, mas também da inteligência deles. Como ainda exerce considerável medida de fé na ciência, na tecnologia e no senso comum racionalista, a mente secular duvida da inteligência da Igreja ou de sua capacidade de conhecer a verdade sobre questões finais. Tais pessoas conservam uma lembrança negativa sobre a atitude reacionária da Igreja durante o Iluminismo, ou do tempo quando ela mostrou estar errada em muitas questões.

A acusação de irrelevância da Igreja está fundamentada também na experiência. Muitos a deixaram porque nada viram nela que fizesse qualquer diferença. Talvez isso possa ser resultado de sua indiferença em questões consideradas importantes para os secularizados, tais como justiça social, distribuição de renda e direitos humanos. Algumas pessoas não fazem diferença entre os sentimentos contra a Igreja e os sentimentos acerca de Deus. Se a Igreja representa a Deus, Ele deve, de alguma forma, ser como a Igreja.

Alguns secularizados extremistas consideram a crença cristã uma forma de insanidade e alienação. Essa atitude de descrença estende-se aos pregadores e cristãos em geral. Faz a fé cristã alguma diferença? Não são os pregadores apenas propagandistas pagos para promover sua "mercadoria"?

4. Busca da vida. Ao contrário da "orientação para a morte", que caracterizou o ocidente no passado, a mente secularizada é orientada para a vida. Os avanços na medicina, vencendo muitas enfermidades e aumentando a expectativa de vida, criaram uma certa ilusão quanto à vida, levando alguns a esquecer ou quase negar sua mortalidade. A religião que tradicionalmente relacionava-se com o momento da morte, deve aprender a relacionar com a vida, enfatizando que continuar vivendo sem a aceitação do amor de Deus é a verdadeira tragédia.

5. Mais dúvida do que culpa. A dúvida é vista como o principal fator no público secular. Na cristandade, a culpa foi o elemento relevante entre os não-cristãos. Hoje, as pessoas ainda reconhecem que a culpa ainda está por trás dos problemas sociais, mas ela é sempre do outro – o sistema, os pais, as instituições, o capitalismo, e assim por dian-

te. Os que se sentem culpados, geralmente buscam um psicoterapeuta; dificilmente procuram um pastor.

6. Alienação. A secularização produziu uma profunda crise de alienação no homem. Tradicionalmente, ele experimentava um certo sentimento de segurança, encontrando realização no trabalho, nos relacionamentos, além de uma certa transcendência dentro de um universo coerente. Hoje, é possível descrever o homem moderno como estando alienado da natureza, dos vizinhos, dos sistemas econômico e político, e da própria vocação. Henri J. M. Nouwen o descreve em termos punjentes: "Ele dirige carros, ouve rádio e vê televisão, mas perdeu sua habilidade de entender ou fazer sentido desses instrumentos. Vê uma abundância de comodidades materiais ao seu redor ... ao mesmo tempo ele está buscando direção e perguntando por significado e propósito. Em tudo isso, ele sofre de um inevitável conhecimento que seu tempo é um tempo no qual tornou possível ao homem destruir não apenas a vida mas também a possibilidade do renascimento, não apenas o homem, mas também a humanidade, não apenas períodos da existência, mas a própria história. Para o homem nuclear o futuro tornou-se opção."⁵

7. Baixa auto-estima. Se é verdade que a vida é nada mais que o produto do acaso; se ela é apenas um acidente cósmico, que leva à conclusão de que o ser humano não passa de uma molécula de proteína aumentada, que nada existe por desígnio ou propósito, mas por mero acaso, então não surpreende a extraordinária crise de identidade do homem moderno. Mark Finley observa que "na sociedade baseada na cultura evolucionista, a auto-estima é naturalmente muito baixa. Não surpreende que o suicídio seja a causa número um entre estudantes universitários, quando eles foram encharcados com a teoria evolucionista de Darwin. Como pode a existência ter qualquer significado, se estamos aqui por mero acaso?"⁶

Baixa auto-estima tornou-se algo tão epidêmico que é um dos tópicos mais discutidos em centenas de livros. Talvez a incapacidade natural do homem moderno em confiar no amor de Deus e na oferta de salvação e perdão de Cristo seja explicada, ao menos em parte, pelo insignificante senso de valor próprio básico.

8. Desconfiança. Experimentando desencantos, manipulações da propaganda e ex-

plorações de todos os tipos, as pessoas se colocam na defensiva. A sociedade moderna está cheia de indivíduos assustados e desconfiados. A imagem que fazem de Deus, quando Ele de alguma forma cruza seu pensamento, reforça essa suspeita. Alguns O vêem como um "Papai Noel", que distribui recompensas pelas boas ações; ou como um policial que vigia para apanhar infratores em flagrante; ou ainda como um político que manipula aqueles a quem busca utilizar para seus propósitos.

9. Descontrole. Para muitos, as forças da personalidade estão fora de controle. O homem moderno é assaltado por toda sorte de adições autodestrutivas. Um crescente número de vidas dá testemunho de que elas estão fora de controle: álcool, drogas, trabalho, sexo, jogo, dependência de relacionamento, dinheiro, depressão, crise familiar, são algumas das forças aparentemente incontroláveis que esmagam o homem secularizado.

Agentes da secularização

John Paulien⁷ relaciona três tendências na sociedade moderna, identificando-as como poderosos agentes da secularização:

Primeiramente, a razão científica. No mundo atual, ao contrário do que aconteceu no passado, onde a religião e a fé funcionaram como referenciais básicos, a maioria das pessoas faz uma adoção inconsciente do método científico, como base para decisões pessoais, escolhas, e solução de problemas. O efeito final é que tal metodologia afeta poderosamente aquilo que se crê e faz. Além disso, demonstrando a causa racional de muitos fenômenos tidos como inexplicáveis ou fruto da ação direta de Deus, a ciência expandiu sua credibilidade, diminuindo ao mesmo tempo a credibilidade da religião. Michael Green considera o extraordinário impacto da ciência moderna como uma das maiores forças para a erosão da fé e avanço da secularização, fornecendo ao homem moderno excusas aparentemente intelectuais e científicas para sua rejeição de Deus.

Nesse caso, prevalece a pressuposição de que verdade e realidade são valores idênticos. Porque elas cresceram no mundo científico, as pessoas secularizadas não observam diferença entre esses dois conceitos. Para elas, realidade é aquilo que é percebido no âmbito dos sentidos, e isso se torna a única verdade. Para os cristãos, há uma outra rea-

lidade que transcende os sentidos. Aqui verificamos um choque fundamental entre a visão científica do mundo e a visão cristã. Quando a ciência nega a Deus, milagres e o reino sobrenatural, ela está de fato negando a verdade com base na realidade percebida por um método extremamente limitado. E, evidentemente, quanto mais as pessoas dependem da ciência e do método científico, maior a tendência de identificarem realidade com verdade, e, mais difícil a manutenção da verdade que transcende à realidade limitada à percepção dos sentidos.

A segunda maior influência na secularização é o pluralismo. Peter Berg e Thomas Luchmann⁸ identificam o pluralismo como a característica fundamental da sociedade secular. Embora não seja um fenômeno moderno, é a ideologia prevalecente que tem influenciado o pensamento cristão. Deve-se ter em mente que o pluralismo faz uma distinção entre fatos e valores. Os fatos são públicos, de certa forma "científicos", e espera-se que todos concordem com eles. Contudo, os valores e crenças são extremamente diversos. Nessa área, "concorda-se em discordar". Não há normas aceitas por todos. Portanto, é na área dos valores e crenças que o pluralismo reina supremo. "Você tem o seu ponto de vista, eu tenho o meu." Nos valores e crenças não há referencial, objetivo comum, que possa ser considerado verdade ou fato. Assim, não existe consenso moral. Cada um formula seu próprio código de ética.

O pluralismo ajuda-nos a entender porque a educação freqüentemente destrói a fé. Ela expõe as pessoas a uma variedade ampla de opções, sem que se ofereça qualquer base, moral, ideológica ou metafísica para se julgar uma opção melhor do que a outra. Se por um lado esse fenômeno pode ampliar os horizontes, por outro lado ele constantemente bombardeia a mente com diferentes idéias, dificultando a certeza de qualquer coisa ou a posse de uma idéia favorita.

A terceira maior influência favorável à secularização é a privatização. Seu significado básico é que a discussão pública sobre religião tornou-se imprópria. A religião ficou confinada aos limites da experiência privada da vida. Como tal, ela é vista como algo para ser retido como um *hobby*, completamente dissociada da atividade pública. Aparece nos noticiários e manchetes apenas quando se torna alvo do interesse secular. Assim, a fé religiosa não é mais um dos significativos ele-

mentos da vida pública. Política, educação, economia; não a religião, servem aos alvos e propósitos seculares. Essa privatização empurrou a fé para dentro do armário e reduziu severamente sua importância na "vida real".

Ninguém planeja tornar-se secularizado, conscientemente. O processo acontece de forma gradual, sob a influência de forças que cercam as pessoas. Ciência, pluralismo e privatização silenciosamente provocaram uma erosão no solo religioso. As pessoas podem continuar crendo, mas de alguma forma elas não têm fortes convicções espirituais. Como agravante e em resultado dessas tendências, as estruturas da sociedade provêm cada vez menos suporte para a interpretação religiosa da vida. Convicções religiosas passaram a ser vistas como algo trivial, instável e relativo. Em última análise, parecem ser uma simples questão de preferência individual.

Além dos três agentes mencionados, poderíamos citar um quarto – a televisão. Considerada a maior "atividade", depois do trabalho e do sono, a TV se tornou um dos grandes agentes de socialização. Da televisão, com sua massiva sobrecarga de horas de assistência e volume de estímulos, multidões decodificam sua visão do mundo e da vida, do casamento, sexualidade, valores, prioridades, do significado de sucesso, normas para solução de problemas, de ética geral e padrões de moralidade. Todas as dimensões da vida são formadas e informadas mais pela TV do que pela família, pela escola e, menos ainda, pela Igreja.

Através da televisão, o arrazoamento científico, o pluralismo e a privatização da religião bombardeiam as mentes. Ela pode, na sala de estar, sem que as pessoas se afastem de casa, prover uma poderosa exibição de todas as idéias responsáveis pela formação da cultura secular. E nenhum educador desfruta a luxúria de repetir uma idéia centenas de vezes para assegurar que o aprendiz não apenas a tenha gravado em sua mente, mas seja levado à sua prática.

Muitos se preocupam com o sexo e a violência expostos na TV, como se estes fossem as reais ameaças da telinha. Por mais negativas que sejam essas mensagens, não é o pior da televisão. O maior problema é que, de forma subliminar, a televisão glorifica a vida à parte de Deus. Na ética televisiva, todos os problemas são resolvidos sem qualquer apelo a Deus, à oração ou à direção divina provida pelas Escrituras.

As análises em geral aceitam que a Igreja Cristã no mundo ocidental necessita experimentar uma mudança de paradigmas. Algo que possibilite uma clara percepção do desafio missionário no atual mundo secularizado. De fato, a situação enfrentada hoje aproxima-se daquela enfrentada pela Igreja apostólica primitiva. Para os primeiros cristãos, a comunicação do cristianismo deveria alcançar quatro objetivos básicos: 1) enfrentando uma população sem o conhecimento do evangelho, eles tinham que informar as pessoas acerca da história de Jesus e das boas-novas oferecidas por Ele; 2) sob hostilidade e perseguição, deveriam fazer amigos e influenciar pessoas para uma atitude positiva em relação ao movimento cristão; 3) em meio a tantas religiões arraigadas, precisavam convencer as pessoas de que a verdade cristã era pelo menos plausível; e 4) uma vez que a adesão à fé é um ato da vontade, os cristãos tinham que convidar as pessoas a se unirem à comunidade messiânica, seguindo a Jesus como Salvador e Senhor.

Eram esses os componentes básicos da persuasão cristã no antigo ambiente apostólico. E a Igreja primitiva foi intencional em seus objetivos. Os cristãos informavam as pessoas através de comunicação criativa, interpretando o evangelho em conversações e apresentações em sinagogas e ao ar livre. Influenciaram o público através da experiência pessoal de transformação, serviço abnegado, amor pelos outros, mesmo pelos inimigos quando em face da morte. Convenceram as pessoas, arrazoando com elas a partir das Escrituras e de uma apologética de senso comum. Convidavam-nas a confessarem a fé e a serem batizadas na comunidade cristã.

Posteriormente, com a cristandade, dentro do sistema de paróquias e com as populações aculturadas, o comunicador cristão limitou-se ao quarto elemento do círculo. Hoje, no avançado estado de secularização, os cristãos não podem se dar ao luxo de iniciar no nível quatro e apelar para uma resposta imediata. Isso porque, no mundo ocidental secularizado, um extraordinário número de pessoas não tem a mais remota idéia do que os cristãos querem comunicar com sua mensagem.

Dessa forma, a Igreja deve iniciar no primeiro nível. Por séculos, os cristãos estive-

ram colhendo do solo já arado, semeado e regado. Mas hoje, eles devem primeiro arar, semear e regar os campos, antes de poder esperar qualquer colheita. Tradicionalmente, dizia-se que a Igreja “jogava em casa”. Hoje ela “joga” em campo neutro; freqüentemente em “campo inimigo”, e muitas vezes temos que nos perguntar se ela está mesmo tomando qualquer parte no “jogo”. Lamentavelmente, muitos cristãos permanecem esperando confortavelmente que os que estão fora venham “jogar” em seu campo. Como Donald Soper sugere, muito do evangelismo hoje pressupõe que a Idade Média ainda está conosco e, conseqüentemente, “toma pouco ou nenhum conhecimento de que a Igreja está de volta aos dias apostólicos”.⁹

O desafio da nova era apostólica é ao mesmo tempo a maior oportunidade pela qual a Igreja poderia orar. Como Paulien observa, a secularização “de muitas formas, tem sido uma bênção para a igreja”.¹⁰ Em seu livro *Christian Belief in a Postmodern World*, Diógenes Allen sugere que a missão do cristianismo aproxima-se de uma oportunidade sem precedentes, no mundo ocidental. Ele argumenta que, devido às revoluções do século passado, na ciência e na filosofia, o Iluminismo é agora uma força gasta. A modernidade está essencialmente superada, porque a maioria das idéias iluministas foram abandonadas pelos cientistas, filósofos e pela própria experiência histórica.

De tudo o que se pode ler a respeito, algumas mudanças são perceptíveis: os seres humanos não são bons ou razoáveis como a ideologia iluminista supunha. Há um crescente reconhecimento de que o mal é real e não pode ser erradicado por mera educação, ou reformas sociais. Boas legislações são abortivas, porque faltam boas pessoas para administrar os programas. A visão iluminista de que o conhecimento é inerentemente bom está em desintegração. A era atômica tem demonstrado que o conhecimento pode ser utilizado para servir a bons e maus propósitos. E os cristãos sabem que, embora a noção bíblica não seja claramente reconhecida, essa é precisamente a chave explanatória para se entender o coração do dilema humano.

O ensino iluminista acerca de uma “religião natural” comum à natureza humana não sobreviveu ao rigor do tempo, ou a qualquer análise séria. Não há uma base comum mantida por todas as religiões. De fato, a visão do mundo em uma contradiz a outra.

A sociedade provou sua incapacidade de se desenvolver unicamente pela razão. A busca de leis racionais para o comportamento humano foi frustrada porque tais leis simplesmente não existem. Nem há valores racionais objetivos, sobre os quais um consenso de moralidade possa estar fundamentado. Valores agora são vistos como uma questão de preferência. E os prognósticos de uma anarquia moral são bem reais. A secularização, como estilo de vida, tem demonstrado que sem Deus as pessoas se tornam solitárias, inseguras e desorientadas.

Ciência e educação não cumpriram o que haviam prometido. Não libertaram a humanidade dos seus problemas cruciais. Crime, poluição, pobreza, racismo e guerras estão por toda parte desafiando os recursos humanos. Essa falha desferiu um golpe mortal na romântica noção do progresso inevitável do homem.

As análises do mistério do átomo não confirmaram a visão newtoniana do Universo como uma máquina. A natureza de sua essência aparece agora como algo profundamente misterioso. Conseqüentemente, muitos cientistas e filósofos atuais admitem os limites e a falibilidade da ciência, e negam o mito de sua completa objetividade. Muitos cientistas e filósofos não descartam a possibilidade de Deus, considerado agora uma resposta para as muitas questões levantadas pela própria ciência.

Tudo isso significa que os pilares da moderna civilização ocidental, erigidos durante o Iluminismo, estão agora se desmoronando. Como Allen predisse, “quando a poeira se assentar, veremos que os campos estão brancos para a colheita”.

Hoje, expressões tais como “auto-imagem”, “valor pessoal”, são muito comuns. Contudo, as gerações mais jovens não estão comprando a conversa. Os jovens são produto de muitas derrotas e mensagens negativas, para acreditar que sejam tão especiais como lhes quer provar a propaganda humanista. É necessário que haja razões sérias para se crer na exclusividade, dignidade e valor do ser humano. Historicamente, a maioria das pessoas no ocidente foi capaz de sustentar a dignidade humana como conseqüência da influência do ensino bíblico da criação à “imagem de Deus”. Os integrantes da atual geração, entretanto, têm sentimentos mistos quanto a eles próprios. Vulneráveis à contracultura das drogas, desfibrados

pelo sexo livre e pornografia disponível, sentem um enorme vazio. As duras penas estamos comprovando a verdade de que não é o homem quem valida Deus, mas é Deus quem valida o homem e lhe atribui valor e propósito. Se Deus não existe, o homem também não existe.

Mesmo o fato de que a Igreja tenha perdido seus privilégios tradicionais e poder deve ser considerado uma bênção disfarçada. Ela perdeu no mundo ocidental a maioria de suas antigas responsabilidades, como educação, cuidado dos enfermos e idosos, controle social e influência política. Dessa forma, ela é devolvida à sua tarefa religiosa e deve, portanto, justificar sua existência unicamente em termos espirituais, dependendo dos recursos internos da fé. Neste tempo, os modernos discípulos de Cristo podem, realmente, levantar os olhos e ver que “os campos estão brancos para a colheita”.

A verdade que não deve ser perdida de vista é que a secularização tem seu lado positivo por representar uma extraordinária oportunidade para a Igreja. Em primeiro lugar, porque destrói a superstição, desnudando a ordem natural de suas supostas características divinas, colocando a criação em um nível diferente do Criador, como o faz a Bíblia. Por outro lado, destronando falsos deuses, a secularização torna mais difícil aos seres humanos fugirem de suas necessidades religiosas.

Estudiosos modernos da religião estão descobrindo que o atual processo de secularização é quase uma exata contrapartida da helenização que preparou o mundo para o primeiro advento de Jesus. Naquele tempo, a cultura grega foi espalhada pelo Mediterrâneo, criando um mundo no qual havia basicamente uma única língua e uma cultura. Se a secularização é a contrapartida moderna da helenização, pode ser também que seja um dos instrumentos pelos quais Deus está preparando o mundo moderno para o segundo advento de Cristo.

Segundo Mateus 24:14, devemos esperar que o evangelho seja pregado a todas as nações. Certamente seria uma grande ajuda a esse processo, se todas as nações fossem influenciadas por uma cultura básica. E isso é precisamente o que está acontecendo. A cultura secularizada está, ainda que em diferentes matizes, unificando o mundo dentro de uma mesma visão. A secularização que levou séculos para se desenvolver no chamado

primeiro mundo, está rapidamente sendo disseminada em outras partes. Poderia ser isso parte do plano divino de preparar a seara do mundo para o último esforço unificado dos cristãos? Se esse é o caso, o desafio é claro: se eles aprenderem como alcançar as pessoas secularizadas, serão capazes de alcançar quase todos.

Os apóstolos modernos devem ter em mente que a tarefa de alcançar pessoas secularizadas para Cristo, hoje, não é mais difícil do que foi para os cristãos primitivos.

Referências

1. Martin Marty observa que a divisão entre a Igreja e a cultura ocidental assume pelo menos três formas: a primeira, característica do continente europeu, é vista como “secularidade absoluta”, tipificada por Voltaire e Marx. Essa forma do secular envolve uma oposição aberta e um ataque formal a Deus e à Igreja, apresentando um esforço sistemático na tentativa de substituí-los. A segunda forma, característica na Inglaterra, é entendida como “mera secularidade”. Nesse caso, Deus e as igrejas não são atacados formalmente; são ignorados por pessoas preocupadas com o mundo e suas rotinas diárias. Uma certa aparência religiosa ainda é mantida, tal como a coroação de um rei, bispo na casa dos lords, e a religião ensinada nas escolas, mas sem nenhum significado, poder ou compromisso. Na maioria das vezes, o cristianismo é igualado à bondade moral. Finalmente, a terceira expressão, presente nos Estados Unidos, é considerada como “secularidade controlada”. A religião dominante nos EUA é um tipo de folclore que deifica os valores americanos tradicionais, mas com significados alterados. No século 19, símbolos cristãos foram utilizados para apoiar o imperialismo americano. No século 20, o cristianismo é grandemente igualado com a religiosidade do *Reader's Digest*. Algumas igrejas com grande assistência reforçam essa comparação herética, ao invés de liberarem as pessoas de sua cultura idólatra, conduzindo-as à fé bíblica. (*The Modern Schism: Three Paths to the Secular*; Londres, 1969).
2. Gottfried Oosterwal, *The Process of Secularization, in Meeting the Secular Mind*, Berrien Springs, pág. 46.
3. Langdon Gilkey, *Naming the Whirlwind*, Nova Iorque, 1969, págs. 39 a 71.
4. Anthony Campolo, *A Reasonable Faith, Responding to Secularism*, Waco, Texas, 1983, págs. 51 a 151.
5. Henri J. M. Nouwen, *The Wounded Healer*, Nova Iorque, 1990, pág. 7.
6. Mark Finley, “Target and Tactics”, in *Meeting the Secular Mind*, Humberto Rasi e Fritz Guy, Berrien Springs, 1985, pág. 100.
7. John Paulien, *Present Truth in the Real World*, Pacific Press, 1993, pág. 51.
8. Peter Berg e Thomar Luchmann, *The Social Construction of Reality*, in Michael Pearson, *Casting the Net on the Right Side*, Newbold College, 1993, pág. 91.
9. Donald Soper, *The Advocacy of the Gospel*, Nova Iorque, 1966, pág. 18.
10. Citado em Donald Bloesch, *The Christian Witness in a Secular Age*, Minneapolis, 1986, pág. 45.

A bem da verdade

ALBERTO R. TIMM

Ph.D., professor de História da Igreja Adventista do Sétimo Dia
e de Religiões Contemporâneas no Seminário Adventista
Latino-Americano de Teologia – IAE

O zelo apoloético ainda tem ofuscado a objetividade histórica de alguns escritores dedicados a criticar o movimento adventista. Isso é claramente ilustrado na descrição que o pastor batista Tácito da Gama Leite Filho faz do adventismo do sétimo dia, em sua obra intitulada *Seitas Proféticas*. Publicada pela Junta de Educação Religiosa e Publicações da Convenção Batista Brasileira, Juerp, originalmente em 1985, a obra já atingiu sua 6ª edição, em 1994.

Na apresentação que faz da referida publicação, o também pastor batista Josemar de Souza Pinto afirma aos leitores que “muito do que [o Pastor Tácito] conseguiu coletar e reunir em seus livros é fruto de pesquisas *in loco*, sem, evidentemente, desprezar as fontes bibliográficas existentes, principalmente os livros autorizados das próprias seitas”.¹ Uma análise do conteúdo da obra parece, no entanto, não corroborar a alegação do Pastor Josemar.

Se o Pastor Tácito houvesse realmente feito uma acurada investigação das “fontes bibliográficas existentes”, ele poderia ter evitado pelo menos dez infundadas distorções históricas que aparecem em seu capítulo sobre o adventismo do sétimo dia. Aí, o autor também levanta questões doutrinárias, para cujo esclarecimento recomendamos a leitura do livro *Subtilezas do Erro*, de Arnaldo Christianini, editado pela Casa Editora Brasileira.

Eliminando distorções

A primeira dentre as discrepâncias históricas encontradas no livro em apreço é a absurda alegação de que o movimento adventista “chegou ao Brasil em 1916 e instalou seu quartel-general em Santo André, São Paulo”.² Uma simples leitura do livro *História de Nossa Igreja* teria esclarecido o fato de que, nessa época, os adventistas já estavam estabelecidos no Brasil havia pelo menos duas décadas.³

Outro deslize histórico aparece na alegação de que “alguns podem admitir” que a fundadora do movimento adventista “foi Ellen White, mas, na realidade, William Miller é reverenciado entre os adventistas como seu profeta e fundador”.⁴ Essa falsa alegação poderia ter sido evitada através de uma análise mais detida do conteúdo do livro *História do Adventismo*, de C. Mervyn Maxwell, que o próprio Pastor Tácito incluiu na bibliografia final de sua obra, bem como de outras publicações que tratam da manifestação do dom profético no movimento adventista do sétimo dia.⁵ Os adventistas do sétimo dia jamais reconheceram a Miller como um profeta semelhante a Ellen White.

Uma terceira afirmação infundada é a declaração encontrada na página 30 do livro, segundo a qual, absortos em sua “magnífica” obra social, os adventistas têm se esquecido “das coisas espirituais, do Céu, das mais importantes doutrinas bíblicas, zelando pela saúde do corpo, cuidando dos aspectos temporais mais do que dos espirituais...” As evidências apontam, no entanto, para a direção oposta. A despeito de toda a obra social que realizam, os adventistas continuam enfatizando a futura volta de Cristo, como a solução definitiva para os problemas sociais da humanidade, ao invés da ação social contemporânea.⁶

A mesma página, o autor menciona então que “*O Grito da Meia-Noite, Os Sinais dos Tempos, A Trombeta de Alarme* foram algumas de suas [de Miller] obras muito divulgadas por ele.” Lamentavelmente, porém, nenhum dos títulos acima mencionados são “obras” de Miller, e, sim, de periódicos. Os dois primeiros foram publicados por Joshua V. Himes, e o último por Josias Litch.⁷ Apenas esporadicamente esses periódicos traziam artigos de Miller.

Uma quinta afirmação insustentável ocorre nas seguintes palavras do Pastor Tácito (pág. 31): “Em 1818, começou Miller a dizer que, dentro de 20 anos, Cristo voltaria à

Terra para o Julgamento. Em 1831, determinou a data: 10 de dezembro de 1843. ... Miller até começara, em 1831, a dar aulas sobre o método de fixar datas." Particularmente, tenho a curiosidade de saber onde o referido pastor conseguiu a data de 10 de dezembro de 1843. Uma análise acurada dos escritos de Miller revela o indiscutível fato de que tal data jamais foi por ele sugerida. Como Miller enfatizava apenas o ano religioso judaico de 1843, para o término das 2.300 tardes e manhãs de Daniel 8:14, alguns de seus amigos solicitaram que ele definisse mais especificamente sua cronologia.

Assim, no início de 1843, Miller publicou um artigo sugerindo que esse ano judaico se estenderia provavelmente de 21 de março de 1843 a 21 de março de 1844. Foi

apenas no início de outubro de 1884 que ele aceitou a idéia de que as 2.300 tardes e manhãs terminariam no dia 22 de outubro daquele ano, como sugerido por Samuel S. Snow.

Mesmo não

tendo acesso aos escritos originais de Miller,⁸ o Pastor Tácito poderia ter evitado mais esse indesculpável deslize histórico, houvesse ele lido mais atentamente o livro *História do Adventismo* (anteriormente mencionado), especialmente as páginas 13, 26 a 34.

O Pastor Tácito afirma então, à mesma página 31 do seu livro, que, após a passagem do dia 10 de dezembro de 1843, "novas datas foram marcadas: outubro de 1844, 1847, 1850, 1852, 1854, 1855, 1866, 1877, mas Cristo não voltou. Nenhuma explicação é dada aos leitores da obra a respeito do fato de que a marcação de datas para a volta de Cristo era uma característica básica dos adventistas observadores do domingo, que rejeitaram a validade de 1844 para o término das 2.300 tardes e manhãs de Daniel 8:14, e não dos adventistas observadores do sábado.⁹

Merece destaque também a afirmação de que "depois de 1844, quando a profecia fa-

lhou mais uma vez, os seguidores de Miller se dividiram em pequenos grupos, liderados por Hiran Edson, que reinterpreto a profecia de Miller, baseado numa revelação que recebera; José Bates, que instituiu a observância do sábado, mais tarde reafirmada por Ellen White; e Ellen Harmon, posteriormente Ellen White, que dava ênfase aos dons do Espírito". Tal afirmação encontra-se também à página 31. Mais uma vez, o autor falha em não explicar aos seus leitores que esses indivíduos eram, inicialmente, apenas estudiosos da Bíblia, geograficamente separados entre si, e que só gradativamente foram assumindo funções de liderança no seio do emergente movimento adventista do sétimo dia. Deve-se notar ainda que esse movimento era, em sua origem, numericamente

insignificante, comparado com os segmentos bem mais expressivos que seriam denominados eventualmente de Adventistas Evangélicos e de Cristãos Adventistas.¹⁰

Uma oita-

va declaração imprecisa do Pastor Tácito aparece à página 32, quando afirma que "em 1860, foi organizada oficialmente" a Igreja Adventista do Sétimo Dia. Essa informação não passa de um falso reducionismo histórico, que desconhece todo um processo que se estende desde os primeiros esforços na década de 1850 para a organização das congregações locais até a organização da Conferência Geral, em maio de 1863.¹¹

Mais uma distorção histórica aparece na mesma página 32, no seguinte parágrafo: "Em 1860, foi organizada oficialmente a Igreja, com o nome de Adventista do Sétimo Dia. Já havia recebido o nome de Igreja Cristã Adventista (1855). Haveria de ser denominada ainda de União da Vida e Advento (1864), Igreja de Deus Adventista (1921), Igreja Adventista Reformada, Igreja Adventista da Promessa, e, finalmente, Igreja Adventista do Sétimo Dia, que constitui o seu principal grupo hoje em dia." É impressionante como o Pastor Tácito foi capaz, em

A Igreja Adventista foi a primeira a penetrar em muitas tribos pagãs da África, do Pacífico Sul e outras regiões remotas da Terra, levando o evangelho a cerca de 200 países do mundo.

sua apurada criatividade, de sugerir aos seus leitores que os nomes de outras denominações adventistas (derivadas do milerismo ou dissidentes do adventismo do sétimo dia) foram nomes recebidos pela própria Igreja Adventista do Sétimo Dia ao longo de sua história. A verdade é que essa Igreja sempre preservou apenas este último nome, sem jamais adotar qualquer dos outros nomes indicados pelo autor de *Seitas Proféticas*.

Finalmente, a última declaração infundada (pág. 33) do Pastor Tácito, que gostaríamos de destacar: “Dificilmente encontramos adventistas que tenham um passado mundano, ou seja, que tenham saído do mundo e se convertido a Cristo através do referido movimento, o que é praticamente impossível. A maioria das pessoas já foi batista, congregacional, presbiteriano, metodista, e de outras denominações evangélicas.”

É lamentável que o pastor permitisse que seu profundo sentimento anti-adventista distorresse a realidade de que a maioria esmagadora dos conversos adventistas brasileiros é proveniente do catolicismo. Se fosse “praticamente impossível” para o adventismo levar pessoas não-cristãs a Cristo, como poderia então a Igreja Adventista do Sétimo Dia ser a primeira a ter penetrado em tantas tribos pagãs da África, do Pacífico Sul e de outras regiões remotas da Terra, levando o evangelho a cerca de 200 países do mundo? ¹²

Ponderações adicionais

O fato de que essas dez distorções acima mencionadas ocorrem no espaço de apenas cinco páginas da 6ª edição do livro *Seitas Proféticas* poderá facilmente levar o leitor mais bem-informado a indagar: uma vez que tantas discrepâncias históricas aparecem na descrição do Pastor Tácito sobre os adventistas, que segurança temos de que sua abordagem das demais “seitas” é fidedigna e confiável? Seriam essas distorções um simples resultado da ignorância do escritor sobre o tema abordado, ou existiram outros motivos envolvidos? Até que ponto a teoria de que “o sábado, juntamente com toda a lei foi cravado na cruz”, conforme aparece à página 35 do livro, poderia ter levado o autor a desconhecer, em grande parte, o conteúdo do 9º mandamento dessa mesma lei, que ordena: “Não dirás falso testemunho contra o teu próximo” (Êxodo 20:16)?

Esperar que um apologista não-adventista concordasse com a compreensão das doutrinas bíblicas dessa Igreja seria, obviamente, exigir demais de tal pessoa. Mas quando fatos históricos são distorcidos, a realidade é diferente. No mundo das modernas comunicações e das fascinantes pesquisas científicas, é inaceitável que um historiador contemporâneo ainda se permita desconhecer fontes primárias existentes, comprometendo assim não apenas sua reputação e a da editora que publicou a obra, mas também a da Universidade em que obteve sua formação acadêmica, e a da denominação religiosa a que pertence.

Referências

1. Tácito da Gama Leite Filho, *Seitas Proféticas*, Juerp, pág. 5.
2. Idem, idem, pág. 29.
3. *História da Nossa Igreja*, Casa Publicadora Brasileira, Santo André, SP, 1965, págs. 306 a 327.
4. Leite Filho, *Op. Cit.*, pág. 29.
5. Ver, por exemplo, Arthur L. White, *Ellen G. White – Mensageira da Igreja Remanescente*; Francis M. Wilcox, *O Testemunho de Jesus*; Denton E. Rebok, *Crede em Seus Profetas*, editados pela Casa Publicadora Brasileira.
6. Ver *Nisto Cremos: 27 Ensinos Bíblicos dos Adventistas do Sétimo Dia*. Casa Publicadora Brasileira, Tatuí, SP, 1989.
7. Vern Carner, Sakae Kubo e Curt Rice, “Bibliographical Essay”, in Edwin Scott Gaustad, ed., *The Rise of Adventism: Religion and Society in Nineteenth-century America*, Harper & Row, Nova Iorque, 1974, págs. 312, 314 e 315.
8. Os escritos originais de Miller são preservados especialmente nos acervos históricos da Aurora University, em Aurora, Illinois, e da Andrews University, em Berrien Springs, Michigan. Boa parte desses escritos foi reproduzida na coleção de microfilmes *The Millerites and Early Adventists*, Ann Arbor, MI: University Microfilms International, 1978, e no CD-ROM *Words of the Pioneers: A Collection of Early Seventh-day Adventist Writings*, Loma Linda, CA: Adventist Pioneer Library, 1995.
9. Alberto Timm, *The Sanctuary and the Three Angels’ Messages, 1844-1863: Integrating Factors in the Development of Seventh-day Adventist Doctrines*, tese de Ph.D., Andrews University, 1995, págs. 70 a 77, 98 a 101, 255 a 265, especialmente as páginas 73 (nota de rodapé 1) e 256 (nota de rodapé 2).
10. David T. Arthur, “‘Come out of Babylon’: A Study of Millerite Separatism and Denominationalism, 1840-1865” tese de Ph.D., University of Rochester, 1970, págs. 84 a 372. George Knight, *Millennial Fever and the End of the World*, Boise, Idaho; Pacific Press, 1993, págs. 245 a 325.
11. Andrew Mustard, *James White and SDA Organization: Historical Development, 1844-1881*, Andrews University, vol 12, 1988.
12. William A. Spicer, *Our Story of Missions*, Montain View, CA: Pacific Press, 1921.

Uma visita ao hospital

ANA MARIA CALCIDONI KÄFLER

Capelã do Hospital São Vicente, Curitiba, PR

Com desagradável surpresa, recebi a notícia de que um jovem amigo meu, concluinte do curso de medicina, filho de pastor, encontrava-se internado num hospital. A informação do diagnóstico de câncer deixou-me chocada. Senti a necessidade de visitá-lo, mas ao mesmo tempo fiquei apreensiva quanto ao que deveria falar naquela situação. Como deveria me comportar? Certamente seria um momento delicado e constrangedor.

Alguns ministros com os quais tenho conversado confessam que sentem o mesmo conflito. Diante da necessidade de realizar uma visita-hospitalar, preparam sua agenda, selecionam alguns versos bíblicos e se programam para uma visita extremamente rápida. Junto ao leito do enfermo, tecem alguns comentários, fazem uma oração e se despedem com a justificativa de que têm outros compromissos. Pronto. Agenda cumprida. E lá ficou o paciente, às vezes, com desejo de algo mais. Provavelmente, o de que ele mais precisava era alguém com quem pudesse desabafar suas necessidades mais prementes, falar de problemas existenciais como a ansiedade, o medo, culpa, insegurança, solidão, depressão, dúvidas quanto ao futuro.

William



Levando-se em conta que as doenças são psicossomáticas, é importante que tenhamos uma visão global de cada paciente, a fim de ministrar-lhe os cuidados que realmente produzam o efeito necessário. Segundo a capelã Eleny Vassão, “em cada doença existe um componente emocional, causado por um problema espiritual. Cada paciente é uma pessoa integral: bio-psíquico-social-espiritual, e todas essas facetas estão intimamente interligadas; quando uma é afetada, a outra também o é”.

Pensando em ajudar a tornar mais eficaz seu ministério de assistência a enfermos, enumeramos a seguir algumas sugestões destinadas a viabilizar esse objetivo.

Requisitos do visitador

É indispensável que o ministério da visita hospitalar seja desempenhado por indivíduos realmente capazes de fazê-lo. Por isso, algumas características pessoais devem ser consideradas:

- * Rica experiência pessoal de conversão a Cristo.
- * Amor a Jesus e às pessoas.
- * Vocação para o trabalho.
- * Motivação correta.
- * Personalidade agradável, amável, cativante.
- * Paciência.
- * Controle das próprias emoções.
- * Boa saúde física e psicológica.
- * Humor estável.
- * Tato e profundo respeito às opiniões religiosas e divergentes.
- * Perseverança.
- * Confiabilidade, capacidade de guardar confidências.
- * Boa aparência pessoal.
- * Dar tempo e atenção ao paciente.
- * Empatia (identificar-se com o paciente).
- * Discrição e ética.

- * Sensibilidade (à pessoa e ao ambiente).
- * Evitar intimidades.
- * Saber evangelizar.
- * Saber ouvir.

A presença certa

Ao visitar um doente:

- * Telefone antes.
- * Não se assuste com o que você talvez tenha de encarar.
- * Ouça com o coração.
- * Não receie tocar na pessoa, se for o caso.
- * Aceite os sentimentos do paciente.
- * Ofereça ajuda prática.
- * Seja breve.
- * Dê seguimento à visita, através do telefone.

Arte de ouvir

Existe um poder terapêutico no ato de ouvir. Muitos pacientes precisam de alguém com quem possam compartilhar os sentimentos, aliviando suas tensões. Seja mais ouvinte do que falante, lembrando do conselho de Salomão: “Responder antes de ouvir é estultícia e vergonha.” (Prov. 18:13).

- * Não interrompa a conversação.
- * Não desvie o seu olhar.
- * Valorize os sentimentos dos outros.
- * Não procure competir com a história do paciente.
- * Não critique.
- * Faça perguntas apropriadas. Anime o paciente a continuar a conversa, se suas condições o permitem (“Que aconteceu depois?” ou “Como você se sentiu?”).
- * Não discuta.

Cuidados

Há algumas precauções que devem ser tomadas durante uma visita a um paciente internado:

- * Tenha as mãos sempre limpas antes de qualquer contato.
- * Informe-se a respeito do estado do paciente.
- * Respeite os avisos de proibição e horário de visitas.
- * Antes de entrar, bata cuidadosamente à porta.
- * Apresente-se ao paciente, evitando

apertar-lhe a mão. Você está chegando da rua, trazendo, por certo, algumas impurezas.

- * Coloque-se numa posição confortável para a visão do paciente. Não sente na cama.
- * Evite fazer muitas perguntas.
- * Não discuta assuntos médicos, nem dê notícias tristes.
- * Não se mostre insultado ou irritado.
- * Não fale de problemas pessoais.
- * Não demonstre sentimentos negativos.
- * Não dê água, alimento ou remédios.
- * Não faça “sermões”.
- * Dê atenção a todos na enfermaria, concentrando-se naquele com quem você deseja conversar.
- * Não fique cochichando com outras pessoas no quarto.
- * Fale em tom normal, durante a leitura do texto bíblico ou a oração.
- * Mantenha os segredos profissionais.
- * Respeite a prioridade do relacionamento paciente-médico.
- * Respeite o horário de sono ou refeição.
- * Quando a atitude a ser tomada for de competência exclusiva dos profissionais de saúde, tenha a permissão, de preferência, por escrito.
- * Não catequize.
- * Evite exemplos negativos envolvendo outros enfermos.
- * Seja breve.

Tratamento intensivo

- * Comunique-se por tocar ou apertar a mão de pacientes que estão no respirador artificial.
- * Cuide com o que fala com outras pessoas no quarto. Mesmo pacientes em coma podem ouvir o que está sendo dito.
- * Combine com o pessoal da enfermagem, antes de entrar para ver o paciente.
- * Não se demore no quarto.

Lembre-se: “Visitar os enfermos, confortar os pobres e os tristes, por amor de Cristo, trará aos obreiros os brilhantes raios do Sol da Justiça, e até o semblante expressará a paz que vai no íntimo da alma.” (*Medicina e Salvação*, pág. 252). No dia final, “então dirá o Rei: ... Vinde benditos ... Estive enfermo e Me visitastes ... Sempre que o fizestes a um destes Meus irmãos, mesmo dos mais pequeninos, a Mim o fizestes.” (Mat. 25:34 a 40)

O outro lado da solidão

ANAMÍ AZEVEDO OLIVEIRA

Secretária na Associação Mineira Central

Muito se tem dito sobre a solidão. Poemas, cânticos, crônicas e discursos fazem referência a ela, sempre enfatizando o seu lado sombrio. De fato, não é bom, muito menos fácil, viver em solidão. Depois de ter criado os animais e lhes proporcionado a correspondente companhia, o Senhor disse, referindo-se a Adão: "Não é bom que o homem esteja só." (Gên. 2:18). E lhe deu Eva.

O pecado, entretanto, trouxe muitos dissabores. Entre esses encontra-se a solidão, cuja chegada, não raro surpreendente, é lamentada por muitas pessoas. Às vezes, ela é passageira, como no caso da jovem esposa cujo esposo, pastor, precisa ausentar-se do lar durante algum tempo, em visita ao extenso distrito ou realizando campanhas evangelísticas. Sem falar nos imprevistos do dia-a-dia. Ou os pais que têm filhos residindo fora do lar, por razões de estudo ou mesmo casamento.

Noutras ocasiões, ela permanece indefinida e dolorosamente na vida daquelas pessoas que, por alguma razão ainda incompreensível, não se casaram; ou que perderam o cônjuge, inesperada e prematuramente, e até depois de longos anos de feliz vida em comum.

Há ainda o caso de indivíduos que se sentem sozinhos, mesmo estando rodeados de pessoas. São aqueles aos quais ninguém nota, carentes de atenção. Pessoas que sofrem caladas, sem que ninguém se importe com suas necessidades. Ninguém delas se aproxima. Se a elas fazem alguma referência, é sempre em tom pejorativo, de censura ou desdém. A menos que consigam usufruir proveitosamente a companhia de si mesmos, tais indivíduos sofrem em demasia.

Difícil convivência

Pessoas existem que convivem relativamente bem com a solidão. Para outras,

no entanto, essa é uma situação ameaçadora, quase insuportável. É aqui onde muitos acabam cedendo aos impulsos humanos e fazem uso de recursos censuráveis, alimentando relacionamentos de qualidade inferior, por exemplo, na tentativa de preencher o vazio. Ou dão asas ao próprio desespero. Alguns experimentam profundas alterações psicossomáticas, ansiedade, depressão e angústia. A verdade, porém, é que tais reações em nada resolvem o problema. Isso Jesus ensinava quando questionou: "Qual de vós, por ansioso que esteja, pode acrescentar um côvado ao curso da sua vida?" (Luc. 12:25). A resposta, óbvia, é negativa.

Solidão e oportunidade

Entretanto, nada existe na vida humana, mesmo em suas experiências mais difíceis e dolorosas, que não signifique uma oportunidade para reflexão e aquisição de lições preciosas. Assim como a escuridão da noite é embelezada pelo brilho das estrelas; e os pontiagudos espinhos de um roseiral têm sua capacidade de ferir suplantada pelo perfume e colorido das rosas, a solidão também deve ter seu lado positivo. No mínimo, amadurecemos em meio a ela, fortalecemos, crescemos como em qualquer revés.

Há muitas armas das quais podemos lançar mão na luta para vencer a solidão. Mas a coisa mais importante que precisa ser feita é, indubitavelmente, voltar os pensamentos a Deus. Nesse caso, ela passa a ser nada menos que um trampolim para vitórias pessoais incomparáveis.

À parte disso, medite nas seguintes sugestões:

1. Permaneça em comunhão íntima com Cristo. O apóstolo João, em seu exílio, se deleitava em meditar sobre a obra da criação

e adorar o divino Arquiteto. Entre as rochas e recifes de Patmos, ele manteve comunhão com seu criador. Recapitulou sua vida passada e, ao pensar nas bênçãos que havia recebido, seu coração encheu-se de paz.

2. Acredite piamente que Deus enviou Seu Filho unigênito à Terra, por amor a você; como se apenas você existisse no mundo. Quando todas as esperanças terrestres forem desfeitas como a névoa, ainda restará Jesus, a ponte sobre nosso isolamento, pela qual chegamos a Deus. Aí, a solidão é desfeita.

3. Se a lembrança do motivo pelo qual você está só causa-lhe mais intenso sofrimento, procure motivos para alegrar-se, por mais estranho que isso pareça. "Alegrai-vos sempre no Senhor. Outra vez digo: alegrai-vos", foi o conselho de Paulo aos filipenses.

4. Pense no que você é capaz de fazer por si mesma. Deus lhe abençoou com talentos e habilidades. Deu-lhe inteligência, vontade. Submeta tudo isso a Deus. Permita-Lhe agir através das aptidões com que lhe presenteou. Ocupe sua mente e suas mãos com pensamentos e coisas úteis, em benefício do semelhante. Você também colherá preciosos frutos.

5. A solidão é um monstro com um apetite voraz. Cada vez que você concebe pensamentos negativos e pessimistas, somente estará alimentando-o. É assim que ele irá crescendo, pouco a pouco, até ficar absolutamente incontrolável e destruir sua presa. Quando imaginamos o pior desfecho para uma situação ruim por si mesma, estamos lhe servindo o prato predileto.

6. Controle seus pensamentos, não se deixe controlar por eles. Procure ver o mundo além e sentir-se completa numa ligação direta com o centro de todas as coisas – Jesus.

7. Jamais diga uma palavra que implique acusação contra Deus, culpando-O pela situação. Não pense que Ele a esteja castigando por alguma transgressão. Isso é justamente o que Satanás deseja. Não lhe proporcione esta satisfação. Deus é sempre amor.

8. Lembre-se de que outros servos de Deus também já se sentiram solitários. Veja Elias, deprimido, sob a árvore de zimbro,

A mais importante arma para vencer a solidão é voltar os pensamentos para Deus. A partir daí, ela passa a ser um trampolim para vitórias incomparáveis.

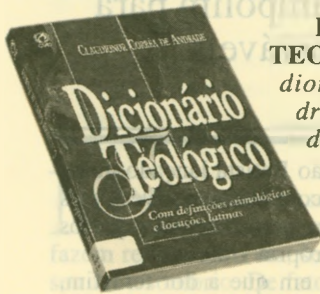
pedindo a morte. João Batista lançado numa prisão. Deus esteve com eles, e através deles cumpriu Seus planos para o mundo que os cercava e para sua própria vida.

9. Imagine o dia em que a dor terá fim, no qual "Deus enxugará dos olhos toda lágrima". Pense no dia em que todas as provas serão como nada, diante do sorriso de Jesus. Está perto o dia em que Ele nos receberá nas mansões que nos foi preparar. Compensa ser paciente, por Sua graça e em Seu poder, por um pouco mais de tempo.

10. Tenha em mente esta declaração de Ellen White: "Em meio de todas as nossas provações, temos um infalível ajudador. Não nos deixa lutar sozinho com a tentação, combater o mal, e ser afinal esmagados ao peso dos fardos e das dores. Conquanto Se ache agora oculto aos nossos olhos mortais, o ouvido da fé pode-Lhe ouvir a voz dizendo 'Não temas, Eu estou contigo. Eu sou o que vivo e fui morto, mas eis aqui estou vivo para todo o sempre. Suportei as vossas dores, experimentei as vossas lutas, enfrentei as vossas tentações. Conheço as vossas lágrimas; também Eu chorei. Aqueles pesares demasiado profundos para serem desafogados em algum ouvido humano, Eu os conheço. Não penseis que estais abandonados e perdidos. Ainda que a vossa dor não encontre eco em nenhum coração na Terra, olhai para Mim e vivei!'"

É isso então. Deus sempre está perto. Com Ele, não existe solidão. Na prosperidade ou na adversidade, na saúde ou na doença, no pranto ou no riso, podemos ter a certeza de que Ele não nos abandona, embora muitos o façam, ou mesmo as circunstâncias da vida terrestre contribuam para que nos sintamos sós. Jesus prometeu: "Eis que estou convosco ... até à consumação do século" (Mat. 28:20), e não falhará.

BIBLIOTECA DO PASTOR



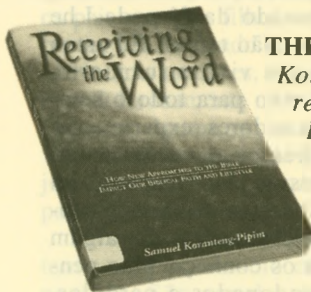
DICIONÁRIO TEOLÓGICO – *Claudionor Corrêa de Andrade, Casa Publicadora das Assembléias de Deus, Rio de Janeiro, RJ; 251 páginas.*

Um dicionário teológico é instrumento indispensável para seminaristas, pastores, professores de Escola Sabatina, pregadores, obreiros em geral; enfim, todos quantos desejam compreender melhor a doutrina cristã. Além das definições, este *Dicionário Teológico* oferece a etimologia dos vocábulos e a tradução das locuções latinas, bastante comuns nas obras teológicas.



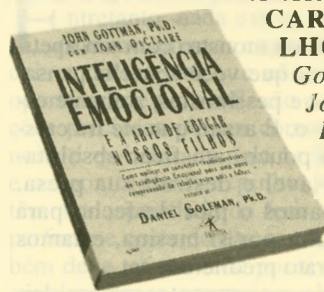
ANTES DE DIZER SIM – *Jaime Kemp, Editora Mundo Cristão, São Paulo, SP; 150 páginas.*

Este livro é uma obra pastoral. É um manual indispensável para o pastor e um guia fundamental para todos aqueles que estão interessados na solução das questões afetivas e conjugais. Com ele nas mãos, pastores e conselheiros poderão dar aos jovens, namorados e noivos, uma orientação clara, segura e objetiva quanto aos propósitos de Deus em relação ao matrimônio. Material excelente para uso em seminários pré-matrimoniais.



RECEIVING THE WORD – *Samuel Koranteng-Pipim, Berean Books, P.O. 195, Berrien Springs, Michigan, 49103-0195, USA; 368 páginas.*

Apesar de seu título simples, este livro trata de uma questão importantíssima: inspiração e interpretação da Bíblia, e seu impacto em nossa fé prática. Como as novas abordagens bíblicas afetam nossa fé e estilo de vida. Para aqueles que acreditam nas idéias progressistas do liberalismo teológico e seus métodos de alto criticismo, este livro apresenta uma alternativa bíblicamente convincente. E para os que têm aceito a Bíblia como a inspirada Palavra de Deus, fidedigna, e autoritativamente única, ele será confirmador de sua crença, ao focalizar sobre os imutáveis princípios das Sagradas Escrituras.



INTELIGÊNCIA EMOCIONAL E A ARTE DE EDUCAR NOSSOS FILHOS – *John Gottman, com Joan DeClaire, Editora Objetiva, Rio de Janeiro, RJ; 231 páginas.*

Obra cuja leitura é recomendada a todos quantos se encontram diante do desafio de educar filhos e aconselhar jovens. Como encontrar a medida certa entre liberdade e responsabilidade? Como impor limites sem oprimir? Como proteger sem criar seres indefesos, incapazes para a vida? John Gottman revela que existem novas respostas para essas perguntas. Sem lançar mão de teorias complexas, fórmulas complicadas de comportamento, ele mostra de que modo é possível ser um “preparador emocional”, alguém capaz de fazer de seu filho um adulto “emocionalmente inteligente”.